



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

PRIORIDADES

1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase no diálogo intergeracional, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



- Mensagem do Ir. Paulo Petry, Presidente Nacional da CRB
- Horizonte e prioridades do Triênio 2013-2016
- Vida Religiosa na JMJ
- Papa Francisco no Brasil
- Congresso das Novas Gerações

Sumário

Editorial

Sinalizar ao mundo o rosto amoroso de Deus!..... 529

Mensagem

Mensagem do Irmão Paulo Petry, Presidente Nacional da CRB,
para o Dia da Vida Consagrada..... 532

Mensagem final da XXIII Assembleia Geral Eletiva..... 533

Informes

Horizonte para o triênio 2013-2016 da VRC no Brasil..... 535

Dom Luiz Fernando Lisboa, nomeado Bispo de Pemba, Moçambique
ROSINHA MARTINS 537

Vida Religiosa na JMJ
RUBENS NUNES DA MOTA..... 543

Artigos

Papa Francisco no Brasil
J. B. LIBANIO..... 545

Congresso das Novas Gerações
ANNETTE HAVENNE..... 564

Indo e vindo, trevas e luz. Tudo é graça, Deus nos conduz!
EDEGARD SILVA JÚNIOR..... 574

O noivo está chegando. Ide acolhê-lo
JOÃO MENDONÇA..... 586



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETOR

Ir. Paulo Petry,

EDITOR

Ir. Lauro Daros, fins

REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília – DF
Tel.: (61) 3226-5540 – Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Coordenação de revisão:

Marina Mendonça

Revisão:

Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:

Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2013: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

O nosso Cadastro Informatizado de Assinantes mudou, e mudou para melhor! A partir de agora, assinaturas novas, bem como renovação de assinaturas, podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- O método tradicional (depósito direto na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6) continua valendo, mas é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail!

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

Sinalizar ao mundo o rosto amoroso de Deus!

529

EDITORIAL

Estimados leitores e estimadas leitoras, que Cristo permaneça conosco para que sinalizemos ao mundo o rosto amoroso de Deus.

Ir. Paulo Petry, presidente nacional da CRB, cita o Papa Francisco: “Deixemo-nos surpreender por Deus para sermos sinais de alegria e esperança no mundo”. Em sua mensagem aos religiosos e às religiosas para o dia da Vida Consagrada, o Ir. Paulo Petry nos lembra do compromisso de “sinalizar ao mundo o rosto amoroso de Deus”. Aqui se encontra a beleza da VRC.

A Mensagem Final da XXIII Assembleia Geral Eletiva diz que Jesus crucificado e ressuscitado anuncia as nossas esperanças, nossas perspectivas e desafios: nosso comprometimento com o Reino, com a missão, a mística e a profecia, com a formação qualificada, com a intercongregacionalidade e a interculturalidade, com as Novas Gerações, com o diálogo intercongregacional e com a defesa da vida e dos seus direitos. Aqui também se encontra a beleza da VRC.

É Jesus Ressuscitado que, caminhando conosco, aquece o coração da VRC para o triênio 2013-2016, cujo horizonte se visualiza nestas prioridades: Identidade e Mística; Missão, Profecia e Juventudes; Intercongregacionalidade e Leveza; Formação. Para isso, humildemente imploramos: Permanece conosco! A beleza da VRC centraliza-se em Cristo.

Durante a Assembleia Geral Eletiva, a CRB Nacional se alegrou com Mons. Luís Fernando Lisboa, CP, membro da Equipe de Reflexão Missionária, nomeado Bispo de Pemba, Moçambique, pelo Papa Francisco. Dom Luiz afirmou que

ser missionário tem tudo a ver com interlocução, é “ser para o outro”. A VRC se faz beleza de Cristo em todas as nações.

Contígua à Assembleia Geral Eletiva, realizou-se a Jornada Mundial da Juventude. Nesse grande evento, a VR desempenhou importante papel. Frei Rubens esclarece que a VR se envolveu desde a elaboração dos subsídios para os grandes eventos, até a articulação dos grupos de base para acolher os ícones, mobilizar para semana missionária e enviar jovens para o Rio. A VRC não esconde sua beleza. Faz-se presença de Cristo entre os jovens.

Quatro artigos oferecem luz e sabedoria aos religiosos e às religiosas em busca do horizonte e da realização das prioridades da VRC.

Em belíssimo e profundo texto, João Batista Libanio analisa as falas e os gestos do Papa Francisco no Brasil. E para interpretar os discursos e os gestos do Papa, Libanio diz que o primeiro passo implica traçar algumas de suas características pessoais. O autor esclarece que “os jovens estavam no primeiro e principal horizonte da visita. Para eles trouxe três mensagens fundamentais. Mostrou imensa sintonia com as dificuldades, sofrimentos, ameaças, tentações que os assolam. Não lhes desconheceu a realidade. Não parou aí. Dirigiu-lhes mensagens de esperança, de coragem, de futuro. O mundo e o futuro estão aí para ser construídos. E, por fim, alentou-os a assumirem com coragem, com alegria, com fé a tarefa da construção da sociedade e da Igreja no futuro”.

Em texto comovente e coloquial, Ir. Annette fala às Novas Gerações. Anima-as à beleza da VRC. “Então, coragem! Vocês têm a chance de começar sua vida religiosa em tempos complexos, num momento de crise, que bom! É nestas horas que o Espírito do Vivente mais agita e sopra, e temos o dever de ser criativas, criativos, pois o velho jeito de estar na missão já não dá mais para ser arrastado! Então, ainda vale a VRC? Que lhes parece? Abram bem seus olhos e seu coração”.

Pe. Edegard, da Regional Salvador, amplia a visão do texto de Emaús, enriquecendo as visões das quatro Equipes de

Reflexão da CRB (ERB, ERM, ERP, ERT), cujos textos estão publicados nos Subsídios I e II. A partir de Emaús, Pe. Edegard expõe a Teologia do Caminho, a Teologia da Escuta, a Teologia do Diálogo, a Teologia da História, a Teologia da Partilha e a Teologia da Missão. E apresenta a metáfora da Teocardia – a soma de todas as Teologias. Diz o autor que Teocardia “é algo de muita vitalidade, de muita energia, que bombeia o sangue em nosso corpo e nos impulsiona para vivermos melhor a nossa consagração”.

Por fim, Pe. João Mendonça partilha uma reflexão oportuna em vista da vida religiosa na conjuntura de crise que vivemos e dá a conhecer o conceito de metassujeira. A metassujeira embaça o nosso olhar nítido sobre os sinais dos tempos e sobre o horizonte da missão da VRC. No contexto da metassujeira, a fidelidade pode ser infidelidade. E o autor apresenta os critérios importantes para entender com clareza o significado da fidelidade.

Sim, peçamos a Cristo: “Permaneça conosco”. Porque nisso consiste a beleza da VRC.

LAURO DAROS, MARISTA

Mensagem do Irmão Paulo Petry

Presidente Nacional da CRB,
para o Dia da Vida Consagrada

Queridas Irmãs, queridos Irmãos em todas as Comunidades Religiosas do Brasil!

“Permanece conosco!” (Lc 24,29).

À luz dos fortes impulsos recebidos ao longo da XXIII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional e com o coração aquecido pela luz da Palavra de Deus, trazemos a vocês o abraço irmão e amigo neste “Dia da Vida Consagrada”.

Como discípulas e discípulos de Jesus, nós *O sentimos a caminho conosco*, recordando em nós um verdadeiro processo de conversão e impulsionando nossos passos no retorno corajoso, imediato e alegre ao primeiro compromisso de nossa vocação.

Neste “ano da fé”, fortalecemos o compromisso de sinalizar ao mundo o rosto amoroso de Deus, através da vivência testemunhal de nossos Carismas Congregacionais.

Orientados pelo Papa Francisco, *deixemo-nos surpreender por Deus para sermos sinais de alegria e esperança no mundo*. Em comunhão com a Diretoria e a Comissão Executiva da CRB Nacional, envio-lhes cordial saudação.

Mensagem final da XXIII Assembleia Geral Eletiva

Brasília 15 a 19 de julho de 2013

*Vida Religiosa querida e cheia de graça:
pequena e também sujeita a todos os ventos,
realidade frágil e forte; nunca terminada...*

Segue adiante!

No momento oportuno,

Ele faz novas, sempre,

todas as coisas.

(Ana Roy)

Nós, religiosas e religiosos, marcadas/os pela alegria da consagração e pela esperança, atendemos à convocação para a XXIII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional, realizada em Brasília, no período de 15 a 19 de julho de 2013, com o tema: “Vida Religiosa Consagrada Hoje – Identidade e Esperança”, e iluminados pelo lema: “Permanece conosco!” (Lc 24,29). Somos aproximadamente 500 participantes na Assembleia. Fomos convocadas/os a colocarmo-nos a caminho, fazendo o itinerário dos discípulos de Emaús.

No caminho, nos sentimos em comunhão com a Vida Religiosa Consagrada, presente em todas as regiões do Brasil e do mundo, em comunhão com a Igreja e com as diversas realidades, num tempo singular de mudanças paradigmáticas, pluralismo religioso, grandes manifestações nas ruas e emergência de novos sujeitos sociais e culturais.

Sob a luz da Palavra de Deus e atentas/os aos sinais dos tempos, fomos convocadas/os para reflexões e escuta da realidade da CRB, pelas partilhas e experiências da Vida Religiosa Consagrada, pela vida missionária no Haiti e na Amazônia, pelos clamores das juventudes que manifestam criativamente suas alegrias, lutas e desilusões; pelas/os religiosas/

os que são capazes de doar a própria vida no compromisso com a missão. Nesse caminho fomos interpeladas/os a conversar sobre o nosso ser, sobre os nossos projetos, nossas perdas, nossos fracassos, nossas esperanças.

A companhia do Peregrino nos fez arder o coração e remeteu-nos à experiência da cruz como necessária à ressurreição. Ajudou-nos a perceber que a Vida Religiosa precisa manter a mística e a profecia como ressignificação do nosso ser em resposta de fidelidade a Deus e ao mundo diante dos novos apelos. EU SOU VIDA RELIGIOSA! Entre o findar de um dia e o iniciar de uma noite, convidar o peregrino para que permaneça conosco foi expressão dos desejos de um encontro mais profundo que envolveu o espaço do coração.

Na partilha do Pão, Jesus se deu a conhecer e a alegria pascal nos envolveu. A Vida Religiosa Consagrada foi interpelada. Levanta-te e caminha! Reapropria-te de tua identidade! Anuncia ao mundo a alegria da Ressurreição! Comunica com o coração, com as mãos e com os pés que Jesus crucificado e ressuscitado está em nosso meio e se deixa encontrar nos pobres.

Anuncia as nossas esperanças, nossas perspectivas e desafios: nosso comprometimento com o Reino, com a missão, a mística e a profecia, com a formação qualificada, com a intercongregacionalidade e a interculturalidade, com as Novas Gerações, com o diálogo intercongregacional e com a defesa da vida e dos seus direitos.

Expressamos nossa gratidão à Irmã Márian Ambrosio, idp, e à Diretoria cessante pela generosidade do serviço dedicado a toda a Vida Religiosa Consagrada no Brasil. E acolhemos com igual gratidão a disponibilidade da nova equipe.

Que tenhamos a ousadia do Espírito e que, na releitura do caminho, possamos humanizar as relações, recriar a comunidade e, na certeza de Sua companhia, partir em missão.

Permanece conosco!

Que a Mãe Aparecida nos abençoe e proteja!

BRASÍLIA, 19 DE JUNHO DE 2013.

Horizonte para o triênio 2013-2016 da VRC no Brasil

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

Prioridades para o triênio

1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase no diálogo intergeracional, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.

Dom Luiz Fernando Lisboa, nomeado Bispo de Pemba, Moçambique

IR. ROSINHA MARTINS*

A CRB Nacional se alegra com Mons. Luiz Fernando Lisboa, CP, membro da Equipe de Reflexão Missionária, nomeado Bispo de Pemba, Moçambique, pelo Papa Francisco. Dom Luiz afirma que ser missionário tem tudo a ver com interlocução, é “ser para o outro”.

CRB Nacional: O que representou para o senhor ser nomeado Bispo de Pemba, em Moçambique? Como o senhor recebeu a notícia?

Dom Luiz Fernando Lisboa: Recebi com bastante surpresa, pois eu nunca esperei ser bispo. Nunca tive essa vontade ou alimentei algum tipo de sonho nesse sentido. E, muito menos, em Moçambique. Fiquei assustado, num primeiro momento. Mas, depois, conhecendo um pouco a realidade de lá, as necessidades da Igreja de Moçambique, sobretudo a diocese onde eu irei atuar, localizada no Norte do país e que abrange um estado inteiro, com muitas carências, de todos os tipos, eu não poderia dizer não para Deus. Afinal, não dá para brigar com Deus porque é uma luta desigual... (risos). Eu acabei dizendo sim, de coração, e agora eu estou mais tranquilo, confiante na misericórdia de Deus. Se for por mim, não sou nem digno nem preparado, mas Deus irá me ajudar e eu tenho certeza de que tudo vai dar certo.

CRB Nacional: Sobre a sua experiência na África, de oito anos de vida missionária, em que ela ajuda nessa missão de ser bispo em Moçambique?

Dom Luiz Fernando Lisboa: Eu sou missionário passionista. Então, fui enviado para Moçambique no início de 2001 e lá

* Ir. Rosinha Martins faz parte da Assessoria de Comunicação da CRB Nacional.

fiquei por oito anos. Essa experiência acrescentou muito na minha vida cristã e religiosa, porque aprendi muito lá. Um missionário, quando vai para outro lugar, deve ir totalmente desarmado, com o coração aberto para colher e aprender. Porque missão é isso: interlocução. A gente recebe e dá. A gente aprende e ensina. Eu fui com o coração aberto e aprendi muitas coisas. Missionário é aquele que deve tirar as sandálias para pisar no chão firme da cultura, da língua, dos costumes do povo, daquilo que o povo sabe. Talvez por isso – por eu ter ficado por lá oito anos, ter conhecido um pouco a diocese, os padres e os religiosos que trabalham lá – eu tenha sido nomeado. Eu volto com muita vontade de trabalhar e de servir aquele povo. Não tenho plano nenhum, não levo nada no bolso, pois eu quero, chegando lá, entrar no ritmo da Igreja que já está lá. Eu serei o sétimo bispo. É uma Igreja que já tem uma história, uma caminhada bonita. Então, eu quero entrar junto nesse grande mutirão para fazer a Igreja acontecer em Moçambique.

CRB Nacional: Conhecendo Moçambique, após estes oito anos de trabalho, há algum desafio que o senhor destacaria? O que fica no seu coração e na sua mente como uma possível proposta de trabalho?

Padre Luiz Fernando Lisboa: São muitos os desafios. Vou citar alguns. Como eu disse, é uma diocese que abrange um estado inteiro e temos apenas 27 padres para atender a toda a região. Nós temos lá cerca de 70 religiosas, de várias congregações, mas ainda é muito pouco diante do tamanho do estado e da demanda. Um desafio é esse: em primeiro lugar, formar sacerdotes locais, para que eles possam atender o seu próprio povo. O segundo desafio é levar padres daqui, ou de outros lugares. A Igreja é universal e nós todos somos missionários e podemos trabalhar em qualquer lugar. Eu quero fazer contato com alguns provinciais e algumas provinciais, para ver se reforço o grupo de missionários lá. Existem também desafios de outras ordens. Por exemplo, de âmbito material. Nós temos muitas paróquias na diocese e os padres costumam ter 80, 100, até 130 comunidades, e vários deles não têm carro. Como podem atender sem ter

um meio de locomoção? Existem também outras carências materiais para realizar o atendimento dos serviços pastorais. Uma prioridade que eu quero levar – e isso não tem a ver com um plano, mas sim com algo em que eu sempre acreditei e implementei – é a formação, em todos os níveis. Ninguém dá o que não tem. Então, eu pretendo facilitar a formação, pois um povo formado, um cristão formado, pode muito.

CRB Nacional: Neste triênio o senhor foi membro da equipe de reflexão missionária da CRB Nacional. Poderia destacar uma contribuição que o senhor tenha dado para essa equipe e uma que o senhor leva desse grupo?

Dom Luiz Fernando Lisboa: Foi uma grande alegria. Essa equipe de reflexão missionária já houve há uns 15 ou 20 anos. Eu participei dessa primeira equipe e, depois, por vários motivos, as equipes foram desfeitas, mas agora a equipe missionária voltou. A nossa equipe é muito boa. Somos bastante próximos. Essa equipe acrescentou muito para mim. A reflexão e as assessorias que nós fizemos em vários encontros da CRB foram uma oportunidade para compartilhar aquilo que a gente acredita que é missão. Missão não é teoria. Missão é você “pegar o boi pelo chifre”, ir ao encontro. Todos os membros dessa equipe são missionários, já tiveram experiências como missionários, trabalham na missão; então, eu aprendi muito com a equipe e levo no meu coração cada um deles. Levo também toda a CRB Nacional, que me convidou a fazer parte desse grupo com o qual eu aprendi muito e com quem, na medida do possível, colaborei.

CRB Nacional: Há quinze anos o senhor foi membro da Equipe de Reflexão missionária da CRB. Os desafios eram os mesmos de hoje? O que mudou?

Padre Luiz Fernando Lisboa: Naquela época os desafios eram outros. Nós estávamos acabando de sair de Puebla. Na época trabalhamos muito no sentido da formação missionária. Agora estamos num outro estágio, de encarar a missão mais concretamente. Ir ao encontro das missões sem

fronteiras, que não são só geográficas. Ir para os novos areópagos. Hoje penso que estamos um passo à frente, com essa nova equipe, neste novo tempo, depois de Aparecida, em que a tônica toda foi missionária, com esse novo Papa, que tem nos surpreendido a cada dia.

CRB Nacional: O senhor está dizendo que, do ponto de vista da dimensão missionária na Igreja como um todo, tivemos um avanço?

Padre Luiz Fernando Lisboa: Avançou muito. Antes mendigávamos espaço para a missão. Agora não. A missão está por todo lado. Foi a tônica de Aparecida, tônica da Igreja na América Latina. O Papa, por suas atitudes, por suas palavras, está dando Aparecida aos poucos para toda a Igreja. Chamou muito a minha atenção um episódio vivido por esse Papa, quando a Presidenta Dilma Rousseff foi visitá-lo e o presenteou com um azulejo de um artista brasileiro. Ele a presenteou com o documento de Aparecida. Ele foi o redator-chefe de Aparecida. Essa foi, inclusive, uma grande contribuição da Igreja da América Latina para a Igreja universal.

CRB Nacional: O senhor acha que a forma de ser do Papa Francisco e de escrever as suas encíclicas tem uma tônica diferenciada dos outros Papas?

Dom Luiz Fernando Lisboa: Eu acho que vai ser diferente, porque o Papa Francisco é muito prático, muito objetivo. Ele, embora seja teólogo e tenha estudado bastante, como um bom jesuíta, é muito mais pastoral e vivencial. Ele tem dito coisas que todos podem entender. As pessoas estão olhando o Papa com um carinho muito grande, porque ele chega até o coração das pessoas, pela forma com que fala, pelo que fala. A Igreja estava precisando de um pastor mais comunicativo, mais humano. Um Irmão maior. Um pai.

CRB Nacional: Qual o sentido de ser missionário para o senhor? O que significa ser missionário? Qual a sua visão sobre isso?

Padre Luiz Fernando Lisboa: Para mim, ser missionário é um ser para o outro. Um missionário não deve ser voltado

para si mesmo, suas próprias coisas, seu próprio bem-estar. Um missionário deve estar onde a Igreja e a congregação precisam. Sempre pronto. É inaceitável quando encontramos um religioso que escolhe: “Eu só faço isso, eu só quero aquilo”. O missionário religioso deve estar disposto a sair, a ir além de si mesmo, ir além das fronteiras, sejam geográficas, sejam de formação, sejam culturais. Os novos areópagos de que se fala tanto hoje. É preciso ir ao encontro daqueles que estão à margem. Ser missionário é estar junto. É caminhar lado a lado, abraçar a causa do outro. É sofrer com o outro. É ter compaixão. Não é levar propostas ou coisas prontas, mas descobrir com o outro aquilo que o liberta, que o faz ser mais gente. Foi isso o que Jesus fez e nós não podemos ser diferentes. O missionário é aquele que busca a vida, batalha pela vida do próximo e, com isso, acaba se sentindo vivo, porque está servindo, está amando, fazendo parte do projeto de Jesus.

CRB Nacional: Existe algo que o senhor queira destacar sobre as atividades realizadas pela CRB Nacional, neste último triênio, em prol da vida religiosa no Brasil?

Dom Luiz Fernando Lisboa: Eu gostaria em primeiro lugar de parabenizar a vida religiosa no Brasil que, nos últimos anos, tem ido para fora, aberto os olhos e as fronteiras. Essas experiências de comunidades intercongregacionais no Haiti, na Amazônia... O apoio que têm dado ao primeiro bispo missionário na África, que é Dom Pedro Zilli, em Bafatá, na Guiné-Bissau, com quem eu tenho me comunicado bastante ultimamente, já que eu sou o segundo bispo missionário. Eu espero que a vida religiosa continue se abrindo. Eu tenho falado com vários provinciais e várias provinciais no sentido de nos ajudar em Moçambique e, quem sabe, a vida religiosa possa pensar numa outra comunidade intercongregacional, abrindo novas frentes de missão, dando passos concretos em direção a ela, pois missão é isso: sair de si mesmo e ir ao encontro de quem precisa.

CRB Nacional: Qual a diferença entre ser um bispo missionário e um diocesano?

Dom Luiz Fernando Lisboa: Eu vou para ser bispo diocesano, mas eu estou sendo enviado pela vida religiosa do Brasil, pela Igreja do Brasil. Então, eu tenho uma responsabilidade grande, pois eu vou para uma terra que não é minha, entrar em contato com uma cultura que não é minha, mas que eu quero abraçar como minha. Claro que eu levo toda a minha bagagem, mas eu quero dar a minha contribuição também, respeitando a caminhada deles. A diferença é essa: a responsabilidade. Pois um bispo local conhece a cultura, a terra, o povo. Ou seja, é uma responsabilidade a mais ser um bispo missionário, tirar as sandálias, acolher a história e a vida daquele povo. Eu conheço um pouco, pois vivi lá por oito anos, mas pretendo conhecer muito mais para melhor servir.

FREI RUBENS NUNES DA MOTA, OFMCA^{*}

As Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) são descritas, segundo Cardoso,¹ “como uma forte experiência festiva de fé; unidade da Igreja, vínculo eucarístico, reconciliação e festa; conexão entre as nações; catolicidade da Igreja; esperança da realização do Reino de justiça e paz; experiência de Comunhão; encontro entre o Papa e os jovens; momento de comunhão entre os jovens, os pastores e todos os que procuram Deus de coração sincero. Festival de alegria e unidade de países e línguas”.

Alguns aspectos ressaltados na JMJ dizem respeito à base teológica e cristocêntrica do Papa João Paulo II; é um evento da Igreja voltado para a juventude; busca pela comunhão eclesial, apontando o Papa como sinal visível da aproximação da Igreja e comunhão com outros jovens que procuram a Deus de coração aberto.

Esta JMJ tem seu movimento mobilizador desde o seu começo com o *Bote Fé*. Os ícones da Cruz e de Nossa Senhora chegaram a São Paulo no dia 18 de setembro de 2011. Muitos de nós, religiosos e religiosas, nos envolvemos nessa construção: fizemos parte da comissão oficial da CNBB enviada a Madri para compreender a realização do evento e participamos da construção aqui em nosso país. A VR se envolveu desde a elaboração dos subsídios para os grandes eventos, até a articulação dos grupos de base para acolher os ícones, mobilizar para semana missionária e enviar jovens ao Rio. Muitas congregações aproveitam este evento para fazer grandes encontros com as Juventudes ligadas aos seus carismas.

*** Frei Rubens Nunes** da Mota é assessor executivo da CRB Nacional para as Juventudes.

1. LOPES CARDOSO, Erofilho. *A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II nas vinte JMJ*. Salto/SP: Ed. Schoba, 2006.

É importante compreender que a Jornada vai além do lugar físico, Rio de Janeiro, do tempo do evento, 23 a 28 de julho. A JMJ começou para nós quando soubemos que seria aqui no Brasil. Ela já se tornou realidade nas bases quando os ícones da Cruz e de Nossa Senhora percorreram as dioceses, paróquias, comunidades, presídios e periferias, fazendo com que as pessoas, os jovens, tivessem contato direto com esse grande acontecimento. A novidade do Brasil é que a semana que antecedeu à JMJ mudou o nome de *pré-jornada* para *semana missionária* e, com essa mudança, dá-se uma tonalidade toda especial de missão para a JMJ. Aconteceu na semana missionária uma bela acolhida dos jovens que chegaram de outros países, mas, mais do que isso, foi um tempo de inclusão. Mesmo as comunidades que não conseguiram acolher estrangeiros são convocadas para esse tempo de vivência da JMJ. A missão preocupa-se com grandes questões: como animar os jovens e como preparar as comunidades e paróquias para acolherem e darem continuidade ao ânimo despertado na JMJ.

J. B. LIBANIO*

Os documentos dos Papas deixam-se interpretar sob dois ângulos. Valem como ensinamentos. E então o foco principal dirige-se ao conteúdo e à forma de expressão. Existem na tradição teológica regras definidas e claras que classificam os textos pontifícios conforme a natureza e temática expressa. As definições dogmáticas cumprem as exigências estabelecidas pelo Concílio Vaticano I. Depois da definição conciliar da infalibilidade do Papa, somente em dois momentos Pio IX e Pio XII exerceram tal múnus, ao definir os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção de Nossa Senhora.

Os Papas recorrem, em geral, a encíclicas para ensinar com autoridade, não infalível, mas injuntiva, doutrinas que julgam importantes para a vivência da fé cristã. Em outros documentos, como alocações, exortações, homilias, discursos, o peso doutrinal merece atenção, mas sem a gravidade do ensino formal.

O Papa Francisco, no Brasil, usou unicamente o recurso dos discursos, homilias, entrevistas. Refletem, sem dúvida, o seu modo de pensar, mas sem exigir dos ouvintes o mesmo compromisso de escuta que outros documentos de maior peso.

Outro aspecto importante advém da pessoa do Papa. Como vivemos nas últimas décadas três pontificados, torna-nos fácil comparar o significado dos discursos conforme cada um dos pontífices. João Paulo II deu importância aos ensinamentos para a vida interna da Igreja. Escreveu inúmeras e longas encíclicas. Pretendeu firmar a autoridade de

* J. B. Libanio é padre jesuíta, doutor em Teologia, escritor, professor na Faculdade de Filosofia e Teologia da Companhia de Jesus (FAJE), em Belo Horizonte-MG. **Endereço do autor:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Bairro Planalto, CEP 31720-300, Belo Horizonte-MG. E-mail: jblibanio@faculdadejesuita.edu.br.

quem ensina. Atribuiu importância aos ensinamentos e, por isso, processou vários teólogos que discordavam deles.

Bento XVI seguiu na mesma linha, mas com pequena diferença. Por ser pessoalmente eminente teólogo, fazia valer os escritos pela competência nos diversos assuntos. Ousou mesmo escrever, durante o pontificado, livros, como teólogo, fazendo valer a sua teologia. Os textos impõem-se por eles mesmos e pela profundidade e fundamentos teológicos.

O Papa Francisco parece optar por outra via. Assumiu a atitude principal de pastor e não tanto de teólogo. Assim os discursos, gestos, improvisos se interpretam não tanto pelo rigor das palavras, mas pelo significado que adquirem no conjunto de sua personalidade e maneira de agir. Nisso se aproxima mais de João XXIII, enquanto os outros dois relembram a Pio XII.

Sob tal ótica, interpretaremos os discursos do Papa. Por isso, o primeiro passo implica traçar algumas de suas características pessoais para, a tal luz, entender-lhe os discursos.

O primeiro gesto de inverter a ordem da bênção no dia da eleição mostrou nova relação com o povo. Pediu que o abençoasse, antes mesmo que ele o fizesse. Vinculou a eleição, em primeiro lugar, com a função de bispo de Roma para, em seguida, entender o ministério de serviço da unidade. Pormenor de significado teológico que situa a figura do Papa na verdadeira missão. Esses dois traços permitem-nos ler os discursos como desejo de proximidade com o povo, revelando personalidade alegre, feliz de estar com os fiéis, e não tanto sofrendo o peso da responsabilidade de ter de falar ou escrever textos burilados e sopesados. Espontaneamente disse, a caminho do Brasil, estar “cheio de alegria”.

À guisa de exemplo, vai uma comparação com Pio XII. Em conversa informal em Roma, o Cardeal Bea relatou-nos o seguinte fato. Como biblista tinha boas relações com os protestantes e era confessor de Pio XII. Certa vez, levou alguns dos protestantes para uma audiência com o Papa e pediu-lhe no final que ele lhes dirigisse uma palavra. Pio XII preteriu o pedido. E depois, em conversa informal com

o padre Bea, Pio XII disse: “Papa não improvisa”. O Papa Francisco nos surpreende, porque improvisa.

Com tal critério da personalidade, os discursos refletem o desejo de comunicar-se com simplicidade, leveza e proximidade. Se as frases não têm o peso e a solenidade de escritos lapidados, revelam, contudo, a direção e o espírito que o Papa pretende imprimir no pontificado. Portanto, algo bastante importante sob a informalidade das palavras.

Dizer que ele é um Papa pastoral não lhe diminui a relevância teológica. O grande teólogo K. Rahner dizia que toda verdadeira teologia é pastoral e toda verdadeira pastoral é teologia. Portanto, a dimensão pastoral dos discursos do Papa não lhe tira o valor teológico, mas dá outra conotação. A preocupação, que o orienta em termos de mundo, é a paz, a fome dos pobres, o horror das guerras, as divisões entre as religiões. Ao irradiar atitude otimista, de alegria existencial, facilita o diálogo com as diferentes posições políticas e religiosas, como mostrou com o Rabino de Buenos Aires, com o Arcebispo de Cantuária, com as presidentes da Argentina e do Brasil, a quem deu o texto de Aparecida como fino toque político. Prefere fazer valer a presença pessoal à autoridade formal. Por isso, despojou-se de vários sinais de poder para aproximar-se mais das pessoas.

No domingo anterior à partida, dirigiu-se aos fiéis e pediu orações pela viagem apostólica ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, a que ele chamou de “semana mundial da juventude”.

O Papa e os jovens

Propôs-se nessa Primeira Viagem Apostólica fora da Itália encontrar-se com os jovens, no contexto social e cultural em que vivem. Vê-os vítimas sofridas da crise mundial por causa especialmente do desemprego. Corremos o risco de criar uma geração que nunca trabalhou. O trabalho, diz o Papa, dá dignidade à pessoa e a habilita para ganhar o pão. Na cultura descartável presente, os dois extremos da escala social, jovens e idosos, são descartados. Precisamos, continua o Papa, da cultura da inclusão.

Logo na chegada, ele mostra duplo sentimento em relação à juventude: preocupação e esperança. Veio para encontrar-se com jovens de todo o mundo e anunciar-lhes a pessoa de Cristo no qual “encontram as respostas para suas mais altas e comuns aspirações” e saciam “a fome de verdade límpida e de amor autêntico que os irmanam para além de toda diversidade”. Chama-os “janela pela qual o futuro entra no mundo”. Eles nos desafiam para que lhes abramos espaço e lhes tutelemos as condições afetivas, materiais e espirituais para se desenvolverem. Três ideias centrais a respeito dos jovens: que as famílias e a sociedade zelem por eles como a menina dos olhos, que eles tenham condições de segurança e de educação e, assim, sejam sujeitos do próprio amanhã e corresponsáveis do destino de todos. Pede a todos atenção e empatia para estabelecer “diálogo de amigos”. O Papa Francisco parece deixar de lado o peso do cargo para assumir a condição humana de relação afetiva com os jovens e com todo o povo brasileiro.

Não perde ocasião de animar os jovens. Aos jovens italianos, incentiva-os à confiança em Cristo, a ouvi-lo e seguir-lhe os passos. Aos argentinos, pede algo inusitado por parte de um Papa: que façam barulho! Aqui no Rio e nas dioceses. Que saiam pelas estradas, que se defendam do que é mundanismo, imobilismo, comodidade, clericalismo, de viver fechados em si mesmos. A palavra de ordem é: sair! Na entrevista à TV Globo diz claramente: “Um jovem que não protesta não me agrada”. Vivemos numa sociedade do culto do deus dinheiro, da exclusão dos jovens, ao negar-lhes trabalho, e dos anciãos, ao condená-los à eutanásia cultural. Os jovens devem irromper, fazer-se valer, lutar pelos valores. Saibam que a fé não é brincadeira. Não a liquefaçam como suco de fruta. É a fé no Filho de Deus feito homem que nos deu a vida.

Reconhece que, às vezes, os jovens se sentem enjaulados. Nada bom. Ele mesmo reconhece sentir o mesmo. E termina a fala aos jovens argentinos, dizendo-lhes: “Façam-se ouvir! Cuidem dos dois extremos da vida: os jovens e os velhos. Não espremam a fé!”.

Na festa de acolhida, depois de maravilhar-se diante do espetáculo de tantos jovens presentes em sua generosidade ao responder ao chamado para a JMJ, ele diz vir confirmar-lhes a fé recebida e sentir-se confirmado e alegre pelo entusiasmo de sua fé. Repetiu-lhes o *slogan*: “bote fé” em toda a vida. Acrescentou: “bote esperança” e “bote amor”, a existência será casa construída sobre a rocha. E, de maneira extremamente incisiva, insiste em que os jovens não tenham medo de pedir perdão, de anunciar a Cristo.

Na via-sacra, fez aos jovens três perguntas: Que vocês deixaram na Cruz nos dois anos em que ela atravessou seu imenso país? Que terá deixado a Cruz de Jesus em cada um de vocês? Que esta Cruz ensina para a nossa vida?

Relembra aos jovens a cena de Pedro que, fugindo de Roma de medo, encontra-se com o Cristo indo em sentido contrário. Então entendeu que tinha que seguir a Jesus com coragem consciente de que não estava sozinho, pois Jesus estava sempre com ele. Volta-se o Papa para os jovens e diz-lhes: “Jesus percorre nossas ruas e carrega nossos medos, problemas, sofrimentos. Une-se ao silêncio das vítimas da violência, a todos os necessitados, aos perseguidos por sua religião e ideias”. Em clara alusão ao que aconteceu em junho no Brasil, o Papa diz que Jesus está junto a tantos jovens que perderam a confiança nas instituições políticas, por causa do egoísmo e da corrupção. Chegam a perder a fé na Igreja e em Deus, pela incoerência dos cristãos e dos ministros do Evangelho. Desde essa situação, ele acrescenta: “Jesus carrega nossas cruces e nos diz: ‘Ânimo! Vocês não a levam sozinhos. Levo com vocês, venci a morte e vim dar-lhes esperança e vida!’”.

A cruz deixa em cada um a certeza do amor de Deus por nós, tão grande que nos perdoa o pecado, nos dá força para suportar o sofrimento, para vencer a morte e para salvar-nos. Confiemos em Jesus e ele não decepciona. Dá-nos esperança e vida.

Na vigília de oração com os jovens no sábado, volta a insistir que o “Senhor continua necessitando dos jovens para sua Igreja e os chama a ser missionários, a cada um

pessoalmente”. Para visibilizar tal vocação de discípulo missionário, ele lança mão de três imagens, a partir do nome “Campo da fé”, dado ao recinto em Guaratiba que deveria ter sido o lugar do encontro, mas que não o foi por razões de chuva. O Papa chama os jovens de “Campo da fé”: campo como lugar de sementeira, como lugar de treinamento e como obra de construção.

Campo como lugar de sementeira nos recorda a parábola de Jesus (Mt 13,1-9). Somos campo da fé quando aceitamos a Palavra de Deus. O Papa conclama os jovens a que deixem a semente entrar, germinar e crescer. Não sejamos caminho que não a escuta por causa das solicitações superficiais; nem como pedras, inconstantes; nem terreno cheio de espinhos com coisas e paixões a sufocá-la. Será que procuramos ficar bem com Deus e com o diabo simultaneamente? Cristãos de fachada? Ou queremos apontar alto, por decisões definitivas que dão sentido pleno? Que cada um examine e responda a si mesmo.

Campo como lugar do treinamento para ser do “time de Jesus”. Para ser bom jogador devemos treinar muito. Assim, na vida de discípulo do Senhor, Jesus nos oferece mais que a Copa do Mundo: vida fecunda e feliz, e futuro com ele sem fim. E a entrada é estar em forma, afrontar sem medo todas as situações da vida, testemunhando a fé. Insiste, mais uma vez, que não tenham medo! Se erramos, Jesus perdoa. Falemos com ele na oração e por meio dos sacramentos façamos crescer a presença dele em nós. Assim treinamos e também por meio do amor fraterno, ao saber escutar, compreender, perdoar, acolher e ajudar a todos, sem excluir nem marginalizar ninguém. Eis o treinamento: oração, sacramentos e ajuda aos demais!

Campo como lugar de construção. Olhem, diz o Papa, como as pessoas constroem, suando a camisa, formando uma família de irmãos. Então incentiva os jovens a construam a Igreja e a história. Repete-lhes: Não se coloquem no “rabo da história”, mas sejam protagonistas. Joguem no ataque para construir um mundo melhor, de irmãos, de justiça, de amor, de paz, de fraternidade, de solidariedade. Sejam as

pedras vivas da Igreja, grande para alojar toda a humanidade. Que saiam às ruas para mostrar o desejo de civilização justa e fraterna, como protagonistas de mudança. O Papa os anima a superarem a apatia, oferecendo respostas às inquietações sociais e políticas. Sejam construtores do futuro e ponham mãos à obra. Não permaneçam no balcão a olhar a vida. Metam-se nela, como Jesus. Mas por onde começar? Por si mesmo, cada um. Abram o coração para que Jesus lhes dê resposta.

Na homilia da celebração final do envio, o tema central gira em torno da vocação de discípulo missionário. Três ideias centrais: o imperativo missionário: Ide e fazei discípulos entre todas as nações! Sem medo! Para servir.

Aparece nela o sentido profundo da JMJ. Pretende acordar no jovem cristão a experiência de discípulo de Jesus e a partir dela a vocação de comunicá-la aos outros. E isso sem medo e no sentido do serviço aos irmãos.

Se os jovens levarem essas três ideias, terão captado o fundamental de todo aquele imenso aparato. Todo o conjunto de celebrações, ritos, festa, via-sacra, caminhada, visou a que o jovem acendesse no coração o ideal do discipulado de Jesus. No Rio, fizeram a experiência do encontro com Jesus juntamente com outros jovens. O núcleo alegre da fé. Tal tesouro não pode permanecer fechado no pequeno rincão onde o jovem vive, mas carece partilhá-lo, transmiti-lo para que todos o conheçam, sem limite, sem fronteiras. Algo imperativo e não condicional, pela força do amor, da experiência da presença de Jesus na vida. Verdadeira Missão Continental.

O jovem pode ter medo por não sentir-se preparado. O Papa retruca-lhe com o exemplo de Jeremias que tinha o mesmo temor, mas Deus lhe prometeu estar com ele (Jr 1,6.8). Cristo vai-lhe à frente e o guia. Prometeu que estará conosco todos os dias (Mt 28,20). Ele nos envia. Sintamos a companhia de toda a Igreja, dos santos em face dos desafios. Somos missionários em comunidade. Que a experiência que fizeram aqui, acompanhados por sacerdotes, prossiga depois.

E uma última palavra vai na linha do serviço, procurando que a vida se identifique com a de Jesus. Ela foi vida de serviço. Servir significa superar os egoísmos, inclinando-nos para lavar os pés dos irmãos, como Jesus o fez. Assim o Papa fecha suas palavras para os jovens.

Fazendo um balanço geral de todas as falas dirigidas especialmente aos jovens, aparece clara a mensagem do Papa Francisco. Três olhares sobressaem. Um olhar de preocupação, outro de esperança e um terceiro de incentivo. A preocupação gira em torno da situação do jovem na sociedade, na cultura e na Igreja de hoje. Ameaçam-no o desânimo, o descrédito, a exclusão, a incerteza do futuro, a falta de cuidado por parte da sociedade e também da Igreja, além da tentação do imediatismo, presentismo, comodismo.

Não parem aí, conclama o Papa. Abre-lhes futuro de esperança. Apela pela energia que existe neles. Chama-os porto do futuro, fonte de utopia. Vê neles potencial criador da sociedade e do mundo de amanhã.

E, finalmente, incentiva-os a empreenderem tal tarefa sem medo. Percebe que paralisam a muitos o temor, a acomodação, como seria olhar o caminhar da história a partir do balcão do próprio individualismo. Estimula-os a que arregacem a manga, suem a camisa, treinem seriamente.

E cobrindo esses três pontos está a dupla experiência do encontro e seguimento de Jesus. Aí descobre o jovem força. E dele nasce a vocação missionária que o fará continuar no dia a dia a experiência da JMJ.

O Papa e a Virgem Aparecida

A visita à Aparecida não estava prevista no primeiro plano da viagem. O Papa Francisco fez questão de inseri-la. Certamente pesaram várias razões. Nossa Senhora Aparecida tem importância única para o povo brasileiro. Santuário de milhões de peregrinos por ano. Ele, pessoalmente, ficara impressionado com tal devoção quando da Conferência do Episcopado Latino-americano realizada em Aparecida. Quis voltar a essa experiência inspiradora. Assim, quando

seu olhar deparou a Virgem, ficou como que paralisado por força interior.

Em termos de palavra, deixou-nos bela homilia em que assinala a importância da presença de Maria no seu pontificado. Nela alude a sua visita em Roma, no dia seguinte à eleição, à Basílica de Santa Maria Maior. Vincula as duas visitas. Valoriza a força espiritual dos peregrinos na própria ação dos bispos e na confecção do Documento de Aparecida. Teologicamente articula três dimensões: o trabalho dos bispos, a fé dos romeiros e a proteção maternal de Maria: tudo conduz ao encontro com Cristo na fé.

Bate na tecla da construção do País e do mundo nos valores de justiça, solidariedade e fraternidade pelos jovens que carecem receber apoio por parte dos pastores, pais e educadores. Pede aos jovens três posturas fundamentais.

Conservar a esperança no meio das dificuldades que assolam as pessoas, as comunidades e o povo na certeza de que Deus nunca os deixa submergidos, caminha a seu lado. Nada nem ninguém é mais forte que Ele. Ele é a nossa esperança. Os ídolos do dinheiro, poder, sucesso e prazer nos fascinam, deixando-nos a sensação de solidão e vazio em busca de compensações. Sejamos luzeiros de esperança. Encorajemos os jovens na generosidade para que construam um mundo melhor. São motor potente para a Igreja e para a sociedade.

Deixem-se surpreender por Deus, fala aos jovens. Ele atua no meio das dificuldades e surpreende. Basta ver o Santuário de Aparecida: tudo começou com pescadores em dia sem pesca que encontram uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Deus nos reserva o melhor, nos surpreende com seu amor. Longe dele, o vinho da alegria e da esperança seca.

Viver na alegria. O cristão é alegre, nunca triste. Deus nos acompanha. Temos uma Mãe que intercede por nós. Nada de tristeza, de cara de luto! O amor de Cristo nos incendeia de alegria. Maria nos pede que façamos o que o Filho nos disser com esperança, confiança nas surpresas de Deus e cheios de alegria.

O Papa e o sofrimento: no mundo da dependência química

A passagem da visita do Santuário da Virgem ao santuário do sofrimento humano, o Hospital São Francisco de Assis, revela traço do coração do Papa Francisco. Recorda aos fiéis o gesto maravilhoso de São Francisco que beija o leproso, a ensinar-nos que abraçamos a Cristo em cada irmão/a que sofre. E esse hospital, que luta contra a dependência química, está a provocar-nos o enfrentamento com o problema das drogas do lado das vítimas, acolhendo-as, animando-as a sair da escuridão da dependência e do lado dos mercados da morte, apelando pela justiça. Aos jovens envolvidos no mundo da droga, dirige fortes expressões de animação: “Não deixem que lhes roubem a esperança!”. Eles são os protagonistas da subida. Para isso, carecem de ambiente de amor e solicitude pelos que os cercam.

O Papa e os pobres

O mundo predileto do Papa encontra-se na periferia onde moram os pobres. Desejaria visitar todos os bairros, bater em cada porta, dizer um bom-dia, pedir um copo de água, beber um cafezinho. Sinais que revelam o coração de proximidade com o povo. E de dentro de tal “composição de lugar” da Comunidade de Varginha, diria Santo Inácio, lança a mensagem maior.

Não se trata de um movimento unilateral. À proximidade do Papa corresponde a acolhida do povo com amor, generosidade e alegria. Isso se manifestou desde a decoração das ruas, o sorriso da multidão e os breves encontros pessoais. Valoriza o fato de ser bem recebido: mais bonito que qualquer enfeite ou decoração. A acolhida enriquece os dois lados: quem acolhe e quem é acolhido.

Percebe como as pessoas simples dão grande lição de solidariedade. E, nesse momento, o Papa se volta a todos os que possuem mais recursos, às autoridades públicas e a todas as pessoas de boa vontade a fim de que se comprometam com a justiça social, com a construção de mundo justo e solidário.

Não se pode permanecer insensível às desigualdades ainda existentes no mundo. Todos somos responsáveis por elas. Só a cultura da solidariedade, e não a do egoísmo e individualismo, que cria um mundo habitável. Todos somos irmãos.

Encoraja os esforços que a sociedade brasileira tem feito na linha da integração, do combate à fome e à miséria. Não há felicidade nem harmonia, quando se deixam periferias à margem. A grandeza de uma sociedade se mede como ela trata a pobreza.

A Igreja quer participar em tais iniciativas para superar intoleráveis desigualdades sociais e econômicas. Pretende mais. Sustentar na sociedade os bens imateriais da vida, da família, da educação integral, da saúde e da segurança.

Não lhe faltou ao Papa uma palavra de referência à desilusão que provoca nos jovens o fato da corrupção, das pessoas que procuram o próprio benefício. No entanto, exorta os jovens a que não desanimem, não percam a esperança. Mais uma vez bate nessa tecla. O ser humano pode mudar a realidade. Termina prometendo a presença da Igreja, do Papa aos moradores da Comunidade de Varginha.

O Papa e os anciãos

Em vários momentos, o Papa associou a exclusão dos jovens com a dos anciãos. Na fala aos argentinos, insistiu fortemente na importância dos anciãos na transmissão da cultura. Toca a eles tomar a palavra e ensinar, transmitir sabedoria, justiça, história, cultura e memória do povo. Insiste em que os jovens não os excluam, antes, aprendam deles.

A presença dos idosos atravessou, com atenção e cuidado especial, vários discursos. Já no final, dirigindo-se aos bispos, mais uma vez chama os jovens e idosos de “esperança de um povo”. Os idosos porque eles são a memória, a sabedoria de um povo.

O Papa e o clero e os religiosos

Dedica-lhes a homilia da celebração na Catedral de São Sebastião, no sábado, 27 de julho. Propõe-lhes a *parresia*

evangélica para anunciar o evangelho aos jovens a fim de que encontrem a Cristo e se convertam em construtores de mundo fraterno. Escolhe três aspectos da vocação: chamados por Deus, para anunciar o evangelho e promover a cultura do encontro.

Reavivamos em nós o fato de que o Senhor nos escolheu. Aí está a fonte do chamado. Não podemos esquecer tal dado fundamental. Chamados por Deus para permanecer com Jesus e unidos a ele. Significa contemplá-lo, adorá-lo, abraçá-lo no encontro cotidiano na Eucaristia, na vida de oração, nos momentos de adoração, e reconhecê-lo, abraçá-lo nas pessoas mais necessitadas, ir ao encontro dos outros, servir a ele nos pobres, com alegria.

Chamados a anunciar o evangelho. Refere-se diretamente a ajudar os jovens a serem discípulos missionários de Jesus por força do batismo, da condição de cristão, a começar na própria casa, no ambiente de estudo e de trabalho, na família e entre amigos. Escutemos os sonhos, conquistas e dificuldades dos jovens com paciência no confessorário, na direção espiritual, no acompanhamento. Saibamos perder tempo com eles. Não poupemos esforços na formação dos jovens. Ajudem-os a descobrirem o valor e a alegria da fé, a alegria de ser amados pessoalmente por Deus, a porem-se a caminho, a serem andarilhos da fé, a saírem. Assim fez Jesus com seus discípulos: enviou-os. Precisamos fazê-los deixar a clausura da paróquia pela porta para buscar e encontrar a outros apesar das dificuldades. Que não tenham medo! Volta a repetir esse refrão.

Chamados a promover a cultura do encontro. Vivemos no humanismo economicista, na cultura da exclusão e do descarte. Não há lugar para o ancião, para o filho não desejado, não há tempo para ficar com o pobre na rua. Para alguns, regem as relações humanas os dogmas da eficiência e do pragmatismo. Interpela o clero e os religiosos para terem coragem e serem contraculturais na linha da solidariedade, do encontro, da fraternidade.

A fala ao clero e aos religiosos está também voltada ao trabalho com os jovens, a exigir deles dedicação especial,

corajosa e contra uma cultura que anula as relações humanas em vista dos valores da eficácia e produção.

O Papa e a sociedade

Os discursos que tangiam os jovens carregaram a tônica no incentivo a enfrentar a cultura presente com esperança e garra na construção de nova sociedade. Ao falar para políticos, diplomatas, acadêmicos, religiosos e empresários do Brasil bate em duas teclas: a memória da própria história pátria e a esperança.

Em cultura presentista, que fala do fim da história e da morte da utopia, o Papa Francisco afirma o presente como “momento no tempo, um desafio para recolher sabedoria e saber projetá-la”. Não é conjuntura sem história e sem promessa. E os que têm responsabilidade numa nação estão chamados a afrontar o futuro “com o olhar tranquilo de quem sabe ver a verdade”, como diz o intelectual católico brasileiro Alceu Amoroso Lima.

O Papa aborda três aspectos de tal olhar calmo, sereno e sábio: a originalidade de uma tradição cultural, a responsabilidade solidária para construir o futuro e o diálogo construtivo para afrontar o presente.

Reconhece a originalidade dinâmica da cultura brasileira em integrar elementos diversos, tocada pela seiva do Evangelho, da fé em Jesus, do amor de Deus e da fraternidade com o próximo. A fé cristã pode fecundar processo construtor de futuro melhor para todos. Insiste na cultura do encontro, na relação para promover o bem, na alegria de viver. O Cristianismo combina transcendência e imanência, que nos salva do desencanto, frustração que podem invadir os corações e propagar-se pelas ruas. Discreta alusão às mobilizações de junho.

Num segundo ponto, acentua a responsabilidade social no campo da cultura e da política. Toca na responsabilidade de formar as novas gerações para serem capazes na economia, na revalorização da política e na firmeza dos valores éticos contra o elitismo e a pobreza. Disso depende o futuro. Em

face do perigo da desilusão, da amargura e da indiferença, volta a insistir na esperança para ir mais além com ações audazes, valentes e livres.

Aborda, como terceiro ponto, o diálogo construtivo entre as gerações, no povo em contraste com a indiferença egoísta e com o protesto violento. O diálogo abarca os diferentes campos da cultura popular, universitária, juvenil, artística, tecnológica, econômica, da família, da mídia, das grandes tradições religiosas. Ficou para o Brasil, que sofrera as tensões de junho, a insistência no diálogo como único modo de as pessoas e a sociedade crescerem.

Aos voluntários da JMJ

Compara-os a João Batista, ao prepararem o caminho para que milhares de jovens encontrassem o Senhor. Além de agradecer-lhes, incentiva-os à generosidade com Deus e com os demais. Que descubram o caminho para responder à própria vocação à santidade no matrimônio vivido na sua beleza, no sacerdócio, na vida religiosa. Que não tenham medo de decisões definitivas, superando a cultura do provisório, do relativo, de “curtir o momento”. Que se rebellem contra essa cultura do provisório, tendo coragem de ir contra a correnteza e de ser felizes. E termina dizendo: não se esqueçam de nada do que vocês viveram aqui. E por fim pede que rezem por ele.

O Papa e os bispos

Em vários momentos, ele se referiu aos sacerdotes e bispos que se empenharam em preparar e acompanhar os jovens na JMJ. Dedicou longa fala aos bispos já no final da visita. Chamou-a momento de descanso, de partilha, de verdadeira fraternidade.

A Aparição de Aparecida serviu de metáfora para o Papa desenvolver a fala aos bispos. Vê nela a lição de humildade e de surpresa de Deus, a luta do pobre em mundo dividido pelo “muro vergonhoso da escravatura”. Tira uma primeira

lição para a Igreja a fim de ser “instrumento de reconciliação”, de esperar a lentidão de Deus, de reconhecer como o povo simples alberga o mistério. Talvez o racionalizemos, enquanto no povo ele entra pelo coração. “Na casa dos pobres, Deus encontra sempre lugar.” Insiste que a Igreja valorize o mistério, a fascinação do divino. “O resultado do trabalho pastoral não assenta na riqueza dos recursos, mas na criatividade do amor.” Outra lição: a Igreja não pode afastar-se da simplicidade. Caso contrário, desaprende a linguagem do Mistério. Não só fica fora da porta do Mistério, como perde quem busca a Deus.

O Papa reconhece o grandioso trabalho pastoral e o crescimento da Igreja do Brasil que no final do século XIX tinha 12 dioceses e hoje são 275 circunscrições, além do apelo dos recentes Papas. Estamos em momento novo. Que Deus pede de nós? O Papa oferece elementos de resposta.

Toca mais uma vez um ponto central de suas falas: não devemos ceder ao medo, desencanto, desânimo, lamentações! Impressiona como ele volta sobre tal aspecto. Parece que vê no medo um dos maiores impedimentos da evangelização. Assim falou várias vezes aos jovens. E agora repete aos bispos. Busca no episódio de Emaús pontos de reflexão. Os dois discípulos simbolizam os que abandonam a Igreja por ela não lhes oferecer nada mais de significativo e importante, talvez demasiadamente fria, autorreferencial, prisioneira de linguagem rígida, relíquia do passado, insuficiente para as novas questões. E o Papa continua com outras suspeitas. Que fazer diante de tal situação?

Ele traça o perfil de uma Igreja, de novo, que não tenha medo de entrar na noite das pessoas, capaz de encontrá-las no seu caminho, de inserir na sua conversa, de dialogar com elas. A globalização e a urbanização trazem aspectos positivos, mas também desafios para a Igreja, como certa desorientação, vazio existencial, desintegração pessoal, abandono, solidão etc. Então, precisamos ser uma Igreja de escuta, de companhia, que aqueça os corações com as riquezas de que dispomos: Escritura, catequese, sacramentos, comunidade, amizade do Senhor, Maria e os Apóstolos etc.

Continua a reflexão, desafiando os desafios da Igreja no Brasil. Por primeiro, aponta a prioridade da formação de solidez humana, cultural, afetiva, espiritual e doutrinal. Que se preparem ministros que aqueçam o coração das pessoas, as ouçam, caminhem e dialoguem com elas. Isso pede revisão das estruturas de formação e preparação qualificada do clero e do laicato. Não bastam documentos, encontros. Faz falta a sabedoria prática na criação de estruturas duradouras. Dever fundamental, indelegável dos bispos.

Um segundo ponto gira em torno da colegialidade e solidariedade da Conferência Episcopal. Não é suficiente um líder nacional. Precisa-se de uma rede de testemunhos regionais, unindo a riqueza da diversidade na unidade, na progressiva valorização do elemento local e regional, na comunhão em contínuo processo de criação e não na unanimidade. Não é bastante a burocracia central. Carece-se da colegialidade e da solidariedade.

Pôr-se em estado permanente de missão e de conversão pastoral constitui o terceiro aspecto abordado já em Aparecida. Trata-se de transmitir uma herança por meio do testemunho, tocando pessoalmente os fiéis. A conversão pastoral pede da Igreja redescobrir as entranhas maternas de misericórdia. Importa reforçar a família, a importância dos jovens. E insiste, de modo especial, no papel das mulheres na Igreja com função ativa na comunidade eclesial. “Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade.” Frase forte! Aparecida põe em evidência também a vocação e missão do homem na família, Igreja e sociedade.

Fechando o discurso, o Papa salienta a função da Igreja na sociedade. Retoma ideias já trabalhadas em várias outras falas. Ele pede com clareza a liberdade de anunciar o Evangelho de modo integral, mesmo quando se choca com o mundo, com a cultura presente. Afirma o direito de servir o ser humano na totalidade, na liberdade e na unidade.

Recorda mais uma vez que educação, saúde e paz social são urgências no Brasil. A Igreja tem palavra própria a dizer sobre tais realidades, ao apontar para os valores

transcendentes. E acena concreta e incisivamente ao problema da Amazônia, como teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileiras.

Silêncios

O Papa poderia ter falado de infinitos outros temas. Escolheu alguns pontos centrais que acentuamos. Os ouvintes trazem expectativas e gostariam de ouvir determinados temas. Frustram-se em não tê-los escutado. Grupos conservadores sentiram a falta do discurso coercitivo que viesse corrigir os erros e desvios que sempre existem. O Papa preferiu apontar, sim, os problemas, mas como desafios à esperança e à ação dos jovens.

Do lado da Igreja que nasce do povo, houve momentos de alegria e comunhão. O Papa mostrou proximidade com ela, pessoal e em palavras. Pediu de todos um olhar para os pobres, marginalizados, excluídos. No entanto, numa Igreja como a do Brasil, que conheceu momentos de impulso renovador das comunidades eclesiais de base e de uma Igreja comprometida com a libertação, o silêncio sobre as comunidades eclesiais de base no contexto da libertação deixou-nos com mais desejo. Ele aludira a elas na fala ao CELAM no contexto da piedade popular e da superação do clericalismo. Outro silêncio pesou sobre o testemunho dos mártires da América Latina dos últimos tempos. Alguns deram a vida na luta contra os regimes militares, outros, mesmo em governos democráticos, enfrentaram oligarquias criminosas que continuam até hoje a assassinar índios, camponeses e agentes de pastoral.

No mundo da sociedade, as críticas do Papa soaram fortes, contundentes. Acostumados aos nomes dados a ela, sentimos falta de referência ao capitalismo neoliberal e financeiro.

A escolha da tônica da juventude teve a vantagem de focar o tema e marcar a importância dos jovens para a sociedade e para a Igreja. Por isso, outros temas, embora relevantes para a vida da Igreja no Brasil e na América Latina, como os acima citados, ficaram preteridos. Limites da história e das escolhas.

Conclusão

Ao reler todas as falas e ao recordar os gestos do Papa Francisco no Brasil, ficam-nos gravados vários sentimentos. Ele não veio para corrigir, impor conhecimentos doutrinários, fazer valer sua autoridade de Papa sobre a Igreja e traçar linhas a serem seguidas. Talvez não poucos quisessem isso.

Chegou, por assim dizer, desarmado. Trazia no coração mais desejos de encontro, de troca de experiências de vida, de mútuo enriquecimento. Os jovens estavam no primeiro e principal horizonte da visita. Para eles trouxe três mensagens fundamentais. Mostrou imensa sintonia com as dificuldades, sofrimentos, ameaças, tentações que os assolam. Não lhes desconheceu a realidade. Não parou aí. Dirigiu-lhes mensagens de esperança, de coragem, de futuro. O mundo e o futuro estão aí para ser construídos. E por fim, alentou-os a assumirem com coragem, com alegria, com fé a tarefa da construção da sociedade e da Igreja no futuro.

Aos anciãos, trouxe mensagem da importância de sua presença numa cultura como memória e transmissão de valores. Para a Igreja em geral deixou o exemplo de alguém que se fez muito próximo das pessoas, especialmente dos pobres, de maneira simples, direta, terna. Assim mostrou por onde podemos caminhar.

E, como grito bem forte, disse a todos: “Não tenham medo!”. Repetiu muitas vezes tal frase, como Jesus ressuscitado o fez aos apóstolos encafuados em recinto de portas e janelas fechadas.

Os silêncios apontados me fizeram lembrar um fato ouvido dos lábios do Cardeal Evaristo Arns. Certa vez, ele fez uma palestra na PUC-Rio. No final, distinta senhora levantou-se e comentou: “Tinham-me dito que V. Em^a não falava de Deus. De fato, na sua palestra não mencionou nenhuma vez a Deus”. E sentou-se. O Cardeal respondeu: “Minha senhora, pensei que tinha falado todo o tempo de Deus. Pois falei de justiça, de solidariedade com os pobres, de direitos humanos”.

Talvez o Papa Francisco nos responda aos que sentimos a falta dos temas prediletos da Igreja do Brasil: “Sim, falei todo

o tempo de libertação, de CEBs, de neoliberalismo, quando falei de justiça, de cultura da solidariedade, de exclusão, de encontro, de proximidade com os pobres, de simplicidade de vida, de comunidade eclesial, de economicismo, de cultura do descartável, de modelo político mundial”. Assim o interpretamos e o sentimos bem próximos de nossa Igreja e mundo de pensar teológico, sem que precisemos de que soem as palavras por nós consagradas.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que mensagem trouxe o Papa Francisco para mim, para a minha província e para a VRC?
2. Será que procuramos ficar bem com Deus e com o diabo simultaneamente? Cristãos de fachada? Ou queremos apontar alto, por decisões definitivas que dão sentido pleno?
3. Quais os temas relevantes apontados pelo Papa? De que outros temas poderia ter falado?

Congresso das Novas Gerações

IR. ANNETTE HAVENNE

Lema: “Ardia o coração quando ele nos falava no caminho” (Lc 24,32).

O coração aquece, os olhos abrem, retoma a missão.

Introdução

A parte que me coube nesta assessoria foi a apresentação do lema do Congresso. De antemão, devo dizer que não gosto muito da palavra “lema”; para mim tem sabor de “palavra de ordem”! Deve ser um pedaço do meu velho ego rebelde que ainda não foi bem integrado! Em compensação, gosto muito de vocês, acredito e aposto em vocês, por isso estou aqui!

Vamos entrar nesta reflexão que nos foi pedida pela porta de uma parábola?

Em fevereiro do ano passado, no Seminário Nacional dos Superiores Maiores da CRB em Itaici, eu terminei minha colocação com esta parábola que criei em homenagem a vocês, jovens gerações da VRC. Quando frei Rubens, durante este seminário, me perguntou se eu toparia participar deste Congresso, eu soube que devia dizer sim e decidi começar minha colocação com esta mesma parábola! Alguns superiores não a entenderam, mas sei que vocês a vão entender!

“Era uma vez... um convento, pelo menos diziam que era um convento; na realidade era uma casa de inserção na periferia, ou pelo menos tinha sido nos anos 1980. Agora não se sabia bem o que era, quem vivia lá e por que e para quê. No suposto convento, coabitavam, entre mil e um choques

de horários, cinco freiras. Quatro eram já meio coroas (a estatística da VRC exige!), a última bem jovem e por sinal bonita demais para ser freira! As quatro primeiras eram sensatas, sábias, prudentes, precavidadas... a jovem era um pouco cabeça de vento.

Um dia, chegou a notícia de que ia ter, na praça de eventos da cidade, um show de um padre da mídia: “Meia-noite com Jesus!”. As cinco decidiram participar, fizeram seus preparativos e saíram bem cedo para pegar os primeiros lugares. Mas o padre cantor reclamou do hotel, reclamou das acomodações, reclamou do serviço de som, da segurança... e o show atrasou! Atrasou tanto que as cinco cochilaram. Também, trabalhavam demais, as coitadas!

À meia-noite faltou energia e um boato começou a correr: Jesus está chegando, o cantor não. Ele mesmo em pessoa! As quatro sábias entraram em pânico, não se sabe muito bem por quê; ligaram para um táxi e foram embora, esquecendo-se da mais nova!

A jovem tirou do seu bolso um toco de vela que tinha guardado da vigília da Páscoa e, na magia daquela noite, um menino de rua aproximou-se dela com uma caixa de fósforos. Suas mãos se uniram, protegendo a chama vacilante; a jovem e o menino olharam um para o outro e perceberam na cumplicidade dos seus corações irmanados que Jesus estava, sim, presente naquela praça e que a esperança ainda não tinha deserdado a humanidade.

E a jovem, que não era tão cabeça de vento quanto vocês pensam, pela primeira vez sentiu nascer nela a maturidade da mulher consagrada no meio do seu povo. E ficou grata pela sua vocação! E nem ficou com raiva por ter sido esquecida... mas achou graça de ver mulheres tão sábias perder a cabeça por tão pouco!”

- Que mensagem você, jovem, tira desta parábola?
- Você já fez uma experiência parecida como a dessa jovem religiosa? Já sentiu o coração arder, já ficou grata, grato por sua vocação?
- Se nunca sentiu essa vibração, olhe em torno de você, aqui, agora! Olhe para estas jovens, estes jovens que optam pela loucura da VRC hoje!

Fazendo essa experiência, já entramos no tema da nossa reflexão. Pois, qual o sentido profundo do lema, num Congresso?

O sentido profundo do lema

Sem dúvida, é ajudar-nos a penetrar, explorar, cavar e também sintetizar o tema: “Novas Gerações da VRC, tecendo relações, construindo caminhos”.

Olhando o lema de mais perto, com mais carinho, iremos perceber que não se trata de uma palavra de ordem, e sim da *partilha de uma experiência vital*: O que faz o coração das Novas Gerações da VRC arder? O que faz os seus olhos se abrirem? O que faz a jovem consagrada, o jovem consagrado retomar o caminho da missão depois das crises?

Temos a resposta na ponta da língua: a paixão por Jesus e pela humanidade!

Então, por que desanimamos, por que não funciona? Precisamos fazer o caminho da cabeça até o coração!

Trata-se de um momento precioso, importante, essencial do Congresso. Depois de expressar sonhos, alegrias, decepções, desafios e até raivas e desânimos e analisá-los, eis o convite a descer para “beber da água do nosso próprio poço”. Esta expressão, muito utilizada na América Latina, no contexto da inculturação, vem de mais longe, vem dos escritos de São Bernardo e se refere a uma descida dentro da nossa interioridade, até o santuário íntimo onde se faz a experiência mística, aquela que nos conecta com Deus e com o nosso verdadeiro EU profundo, ontológico. Convite a ir até o centro deste nosso coração: lugar do desejo fundante, lugar da intimidade com Deus, lugar onde nasce a paixão, onde nasce o entusiasmo, tão diferente da euforia, onde se clareia a *motivação básica* para buscar, não parar de buscar.

Somente uma pessoa assim centrada na sua motivação básica tem rumo e direção, é livre para seguir sua paixão! Do contrário, nós nos entregamos à instabilidade, medindo nossa pressão três vezes por dia e nisso perdendo muita energia: “Não sei se fico, não sei se vou, não sei se pego ou se não pego”.

É a partir deste lugar em mim que também pretendo interagir com vocês.

O nosso referencial para trabalhar essa experiência vital será o texto de Emaús: “Ardia o coração quando ele nos falava no caminho” (Lc 24,32).

Há anos que o caminho de Emaús faz manchete entre nós, na proposta da nova evangelização, nos planos de formação permanente da CLAR. Parece que o esgotamos, mas, de outro lado, somos lentos, lentas para captar sua mensagem vital!

Gostaria de propor a vocês uma nova leitura orante deste texto, a partir da *profunda experiência de crise do discipulado* que o casal que foge de Jerusalém enfrenta. Reflexo da situação na comunidade de Jesus depois da sua morte, reflexo da crise que assola a comunidade de Lucas no momento em que surge este escrito, reflexo das nossas próprias situações de crise: *crise existencial, crise de fé, crise vocacional, crise da missão*. Afinal eis um casal, Cléofas e Maria de Cléofas, voltando para trás, fugindo de mansinho, deixando discretamente a comunidade no domingo da Páscoa. Por quê? Porque seus sonhos, seus anseios se desfizeram com a tragédia da condenação e morte de Jesus: “Nós esperávamos, mas...” (Lc 24,21).

Eis-los, portanto, *des-animados, des-encantados, des-amparados, des-construídos, des-feitos, des-articulados, des-orientados, des-caminhados, des-esperados, des-gostosos, decepcionados*. Não seria um pouco o espelho da nossa situação hoje como novas gerações da VRC? E o formador e a formadora correndo atrás para ver se dá jeito, como Jesus na narrativa?

Depois do primeiro embalo, de uma paixão que julgávamos ser eterna, tomamos consciência de que nossos sonhos não se realizam tão rápido, tão completamente quanto esperávamos! Então, como somos imediatistas na ação e lentos na fé, pensamos em desistir, ir embora! “Não sou feliz, não me realizo, não me identifico, vou dar o fora antes que o barco afunde!”

Vale a pena continuar a lutar por uma VRC apostólica, coerente e significativa, profeticamente significativa nos

nossos tempos complexos? É esta a pertinência do nosso tema e lema!

Mas Emaús não é uma sessão de psicoterapia, é um grito de fé! O texto não se propõe analisar somente o tamanho da decepção dos discípulos, é Evangelho, boa notícia! Ele aponta saídas para a crise: depois da ladainha dos DES, o canto do renascer: *re-animar-se, re-encantar-se, re-orientar-se, re-fazer as relações, re-tomar o caminho da missão, re-significar a vocação.*

Eis a proposta, eis a Boa-Nova da ressurreição. Outro olhar sobre o mundo dos sonhos fracassados é possível, porque *Ele, Jesus, o Vivente, nos refaz e nos ressuscita para a missão!* E mais: o sonho precisava fracassar para se realizar em plenitude!

Usamos neste congresso o símbolo da colcha de retalhos. Emaús também é uma colcha de retalhos, costurada com as várias experiências das seguidoras e dos seguidores de Jesus: as das que foram até o túmulo e ouviram o recado dos anjos; a dos que não acreditaram nestas mulheres que vinham do cemitério às quatro da manhã; a dos dois desistentes; a do grupo trancado no cenáculo em Jerusalém; a de Pedro e a de Lucas. Falta a vocês e a mim costurarmos nosso pedacinho junto com os demais para refazer este caminho da fé, da vocação e da missão.

Nossas experiências fundantes

Mas o problema é que, nas horas de crise, *perdemos confiança* em Deus, em nós, nos outros, nas autoridades, na própria vocação. “Isso nos parece pura bobagem” (Lc 24,11). Estamos na escuridão espiritual!

Refazer as relações é, portanto, o primeiro passo. Como? Partilhando entre nós, não mais pontos de vista, divergências, opiniões, mas nossas *experiências fundantes* de vida autêntica, *as convicções* que delas brotam e vêm para ficar, despojadas de ilusões infantis e adolescentes. Não basta viver conectad@, precisa-se investir em relações de qualidade nas comunidades de vida, também entre vocês, jovens, na intercongregacionalidade, na intergeracionalidade!

Trata-se exatamente da dinâmica que a Igreja jovem propunha como preparação ao Batismo, sacramento da iluminação: *um percurso mistagógico*, uma releitura de vida à luz da fé: não a partir de elementos externos, embora eles tenham sua importância enquanto confirmação, mas a partir de dentro, do *lugar teológico que é o seu coração jovem*, a partir de onde Deus nos fala, fala para toda a VRC, hoje.

O que continua a fazer arder o nosso coração na VRC apostólica? Por que ainda não fomos embora?

O que fica da árvore de Natal depois que você apaga o pisca-pisca? A teimosia do verde da esperança que é, na realidade, o sentido profundo desta pobre árvore que tinha desaparecido debaixo dos enfeites!

Quando despojo o texto de Emaús de todos os seus detalhes para tentar captar o básico da mensagem, miro algo extremamente forte e simples: *uma palavra e um gesto de Jesus.*

Trata-se de *uma palavra e de um gesto* que dão um *shift* na vida e nas decisões dos dois a caminho. Nesta palavra e neste gesto, temos o essencial da fé cristã, temos o essencial da VRC, sua intuição fundante; por isso, diante dele, o coração se aquece, os olhos se abrem.

Para perceber melhor o peso desta palavra e deste gesto, é bom inteirar-se do contexto. Já falamos que este contexto é de crise, mas de onde ela vem? Sem dúvida do que aconteceu na sexta-feira que ainda não era chamada de santa. “O que fizeram com Jesus de Nazaré” (Lc 24,19). Isso não dá para engolir, não desce.

Um grande teólogo do século 20, Karl Rahner, comentando os eventos desta sexta-feira santa, faz observar que nela encontramos um *concentrado do cotidiano*, do nosso cotidiano. O que não desce, não dá para engolir no nosso cotidiano de jovem, hoje? Morte, violência, descaso com a vida humana, traições, injustiças, droga, tráfico de seres humanos, instituições pesadas, famílias desestruturadas, universidades em greve, religião desvirtuada, política corrupta, fracasso dos grandes ideais.

Diante de tudo isso, não temos resposta. Que resposta temos diante da igreja em ruína onde morreu Dra. Zilda, quando estava no Haiti para implantar a pastoral da criança?

Jesus não traz resposta, ele nos convida a outro olhar: “Será que o Messias não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória?”(Lc 24,26). Ou numa outra tradução: “Não era necessário que o Messias sofresse tudo isso para entrar na sua glória?”.

Essa frase não é pieguice nem aula de moral, ou manipulação para vocês aguentarem qualquer coisa na VRC! Há ainda muito sofrimento inútil nela. O peso do qual precisamos nos desfazer é o da dor que não é processada para desembocar em mais vida para nós ou para outros e outras!

A Palavra de Jesus choca. É a afirmação misteriosa e à primeira vista revoltante que também, através do fracasso aparente, do sofrimento e da morte, a vida vai abrindo brechas, construindo caminhos! Que todo sofrimento, toda morte pode ser travessia, Páscoa. As nossas também! Em João encontramos a mesma verdade na forma de uma imagem, de uma parábola: “Se o grão de trigo não morre, ele fica só; se morre, produz muitos frutos” (Jo 12,24).

Não gostamos muito desta afirmação, nós, da geração mídia e paracetamol! Somos mais para o sucesso bombástico do que para a lenta e secreta fecundidade. Temos dificuldade de integrar a dor na pauta da vida. A palavra de Jesus não é chocolate de luxo que dissolve na boca, ou chiclete zero caloria para mascar indefinidamente; é pão integral que é preciso mastigar para ter energia espiritual!

Há uma qualidade de vida que a gente só acede quando o amor em nós é mais forte do que o medo, o risco, a morte e a dor! Arrisque abrir-se para vivenciar, experimentar a verdade contida naquele versículo de Lucas e veja se o coração não começa a se aquecer.

É preciso ralar para alcançar seus sonhos! Não há vida fecunda sem dor. Não há vocação fecunda sem enfrentar o esforço, a contradição, a pedra de tropeço, a frustração, a renúncia, a luta, o sacrifício, a ruptura, a dor. Sofrimento e morte não são beco sem saída, são caminhos para mais vida.

Às vezes, quero desistir da VRC porque quero parir sem dor... sem abrir mão de nada, sem rupturas, sem abrir mão do meu eu superficial, egocêntrico. “Quero ser eu mesm@

na VRC!” Certíssimo! Seja mais você mesm@, então! Mas de que EU estou falando, um EU superficial, midiático, egocêntrico, disperso? Um EU on-line com seus 5 C: celular, computador, carro, câmara, conta bancária? Ou um EU consistente, profundo, mexido, aquecido pelas palavras e gestos de Jesus?

Outro mundo possível lateja e quer nascer dentro do nosso desejo fundante! Outra VRC lateja e quer nascer dentro do nosso desejo fundante! Não aburguesada, “descafeinada”, mesquinha ou tão amedrontada que volta para trás, em busca de velhas estruturas confortáveis!

Como se fará isso? Vamos olhar para o gesto de Emaús! Na hospitalidade da pousada, o gesto de Jesus vem dar vida concreta à palavra ouvida pelo caminho. A palavra mexeu, o gesto vem abrir os olhos doentes de cegueira espiritual. JUSTAMENTE QUANDO A NOITE VEM! Que gesto é este?

Um gesto que vimos nossas mães fazer em casa, muito antes do padre na missa: *partir e repartir o pão*. Gesto corriqueiro, humano, pois somente os seres humanos repartem comida, comem juntos. Gesto divino, pois revela todo o ser de Jesus, nas várias ceias que partilhou conosco durante sua vida até aquela que chamamos de última. Não apenas dar pão a quem tem fome, mas *fazer da vida*, com liberdade e simplicidade e, quando possível, com alegria, *um pão partido para o povo quebrado!*

Isso é a essência do agir cristão, isso é o núcleo identitário da VRC: *Minha vida, ninguém a tira, eu a dou como pão partido para meu povo quebrado!*

Uma discípula, um discípulo de Jesus é uma pessoa chamada a ser centrada na sua paixão, mas também “excêntrica”: descentrada de si. Apaixonada por Deus e compassiva para com os outros, sobretudo com os empobrecidos e excluídos. Como nos diz Jon Sobrino, num dos seus textos mais bonitos, “O absoluto é Deus, o coabsoluto são os pobres”.

Cada vez que a VRC se afasta dos pobres, ela perde sua identidade. Quando volta a eles, ela se reencontra, se refaz, se renova, descobre novas estratégias para a missão. Quantos

amigos e amigas pobres você tem? Somente o amor que convive com os empobrecidos é criativo e ousado, não deixa cair a profecia, mas sabe vivenciá-la na sabedoria, com pés no chão do dia a dia.

Penso que há, em cada um e cada uma de nós, duas motivações muito fortes, que se manifestam também na caminhada da VRC, e precisamos discerni-las: *Faço opção pela VRC para dar em mim o beijo de Narciso ou para dar o beijo ao leproso?*

Mais que a lista dos motivos que tenho para desistir e mais que a lista do que vale a pena na VRC, é nesta opção entre Narciso e o leproso que se forja a decisão e que se cria coragem para o que der e vier! Sair de si, sair da crosta de egoísmo que nos aprisiona, sair da cegueira espiritual, sair da mesmice pastoral, sair de estruturas pesadas – fora e dentro de nós –, sair das fronteiras.

Aqui não se trata mais de geração Y ou Z! É *convite à conversão* para todas as gerações, é a porta estreita que só passa quem se faz leve, livre e solto para Jesus! Disso nossa primeira missão é ser amostra grátis!

Uma vez que entendi com o coração o *sentido da fração do pão e a urgência da missão*, Jesus pode sumir, pois de fato sumiu para dentro de mim: deixo-me ser pão, faço da minha vida esse pão... E então, mesmo de noite, só resta uma coisa a fazer, voltar para Jerusalém, a cidade da paz e da violência, da morte e da ressurreição.

O caminho da vinda descia... o caminho de volta sobe... é íngreme e exigente, não é para acomodadas, acomodados. Mas amigos que conversam e têm um projeto comum não veem as horas nem os quilômetros passarem... 12? 30? Pouco importa, temos experiências de vida tão bonitas para partilhar.

Então, coragem! Vocês têm a chance de começar sua vida religiosa em tempos complexos, num momento de crise, que bom! É nestas horas que o Espírito do Vivente mais agita e sopra, e temos o dever de ser criativas, criativos, pois o velho jeito de estar na missão já não dá mais para ser arrastado!

Então, ainda vale a VRC? Que lhes parece?

Abram bem seus olhos e seu coração, procurem o menino, o eterno Menino de rua que tem o poder mágico de reacender seu toque de vela!

Referências

- A VIVÊNCIA hoje do núcleo identitário da VRC. *Convergência*, jul.-ago. 2012, p 472.
 CONGRESSO das novas gerações da VRC, fev. 2013.
 RAHNER, Karl. *L'hommeaumiroir de l'annéeliturgique*. Paris: Mame, 1966.
 IHUon-line. Entrevista, out. 2012.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. De volta de Emaús, com o coração aquecido, os olhos grandes, abertos sobre a vida, a vida como ela é, o que temos vontade de partilhar, dois a dois, para nos incentivar a continuar na missão de ser pão partido para um povo quebrado?
2. A VRC ainda vale a pena? Que lhe parece?
3. O que continua a fazer arder o nosso coração na VRC apostólica?

Indo e vindo, trevas e luz. Tudo é graça, Deus nos conduz!

PE. EDEGARD SILVA JÚNIOR, MS*

Convocada pela CRB Nacional, a Regional Salvador participou, de 14 a 16 de março de 2013, do encontro de formação destinado às coordenações das vinte Regionais juntamente com as pessoas que prestam o serviço da assessoria. Entre outros assuntos, foi apresentado o tema da 23ª Assembleia Geral Eletiva, e a inspiração bíblica que animará a VRC no Brasil no próximo triênio: “Permanece conosco!” (Lc 24,29).

Na Capela do Centro onde estávamos hospedados, a equipe bíblica nos convidou a entrar na dinâmica sugerida pela CRB Nacional: uma releitura do texto dos Discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). Num primeiro momento, corremos o risco de dizer: “Logo este texto... já tão conhecido... esta história já sei de cor...”. Este pensamento é muito “perigoso”, pois representa uma postura do conhecimento apenas na dimensão intelectual. Naquele momento orante, Frei Moacir Casagrande fez a seguinte motivação: “Será agora proclamado o Evangelho com a passagem dos discípulos de Emaús. Vamos ouvi-lo como se fosse a primeira vez que tomamos conhecimento deste texto”. Assim procurei fazer. Durante aqueles dias, com os subsídios¹ em mãos, comecei a me perguntar: o que este texto diz à VRC no Brasil?

Mergulhei nas contribuições de cada teóloga e teólogo. Encontrei muita riqueza e provocações, mas o questionamento continuava batendo no meu coração.

Voltamos de Brasília e tivemos o encontro da Equipe Ampliada da Regional Salvador. Fizemos o lançamento dos subsídios, repassamos as informações necessárias; nos

* Pe. Edegard Silva Júnior é missionário salesiano e atua na Regional Salvador – Bahia/Sergipe. O texto foi escrito em Alagoinhas-BA, em 07 de junho de 2013, na solenidade do Sagrado Coração de Jesus.

1. Volume I, de autoria da Equipe de Reflexão Teológica e da Equipe de Reflexão Bíblica.

debruçamos no texto de Lucas para dizer como esta palavra faz arder o nosso coração pelos caminhos da nossa regional.

Não se tratava naquele momento de repetir ou confirmar as contribuições que tivemos acesso, mas em dizer nossa palavra, fazer a hermenêutica do texto a partir da presença da VRC no chão nordestino. E assim fizemos... primeiro veio a leitura orante, depois a partilha.

Como estamos utilizando um texto da comunidade lucana, surgiu a necessidade de compreender o contexto em que foi escrito. Um artigo do Frei Gilvander, OC, assim diz: “As comunidades de *Lucas* são predominantemente comunidades urbanas, melhor dizendo, das periferias das grandes cidades. No Evangelho de *Lucas*, a palavra grega *polis*, que, em grego, significa cidade, aparece 40 vezes; em *Mateus* 26; e em *Marcos* 8. Nos Evangelhos Sinóticos (Mc, Mt e Lc), o ensinamento é realizado, basicamente, a partir de imagens da natureza, do campo e do trabalho rural (cf. ovelhas, pastores, videira, semente, semeador etc.)”.

Logo pensei: esta chave de leitura nos ajuda muito, pois vivemos num contexto urbano e este é um dos desafios da VRC: *como viver a nossa identidade na dinâmica dos grandes centros urbanos?*

Esta informação despertou a necessidade de mergulhar mais no contexto da comunidade lucana. Frei Gilvander, OC, descreve que naquele tempo as “comunidades revelam um contexto patriarcal e machista”. As mulheres, de uma forma geral, eram desprezadas e marginalizadas na sociedade. No Evangelho de *Lucas*, *Jesus* dá prioridade às mulheres, valoriza sua presença e atuação nas comunidades e na sociedade. “Na narração do nascimento de *João Batista* e de *Jesus* (Lc 1,5-2,52) rompe-se o padrão que colocava o homem em primeiro plano e que deixava à margem tanto a mulher como a criança. Nessas narrativas, as crianças são apresentadas junto com a presença atuante de suas mães. Elas é que são protagonistas da novidade, anunciadoras das ‘grandes coisas que o Poderoso fez’ (Lc 1,49), mesmo vivendo em um contexto patriarcal e machista”.

Que ótimo... estamos no caminho certo, não é possível falar hoje da VRC sem pensar na presença tão expressiva da vida consagrada feminina.

O Evangelho de Lucas mostra Jesus sempre a caminho, e podemos até chamá-lo do “Evangelho da ternura de Deus”.

Neste momento, em preparação à 23ª Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional, é muito significativo ter presente um evangelista que tenha uma preocupação com a dimensão social e a atenção voltada para as pessoas; um texto que mostre claramente a opção de Jesus pelos pobres, os pequenos... e isso a comunidade lucana faz com muita excelência.

Ouve-se muito por aí uma “litania da vida religiosa” que acaba nos intrigando: VR cansada, tende piedade de nós, VR envelhecida, tem piedade de nós... etc. etc. Basta dessa ladainha! Como buscar saídas criativas que nos levem a ter um olhar de esperança, que é o sentimento que perpassa atualmente o contexto da Igreja Católica no mundo, a partir do Pontificado do Papa Francisco?

Nesse sentido, o texto apresentado para motivar a VRC no Brasil é por demais inspirador. O contexto de Lucas 24,13-35 mostra o rosto das “comunidades com pessoas cansadas, medrosas, desanimadas e perdidas devido à situação na qual viviam. Os cristãos são uma minoria perdida no meio de um imenso império, nas periferias das grandes cidades. Apenas alguns milhares no meio de um Império com cerca de 60 milhões de pessoas. Uns começam a abandonar as comunidades; outros duvidam de que *Jesus* seja o Salvador, têm dificuldade de acreditar que seja possível viver em fraternidade e resistir ao império com suas seduções opressoras”.

Todavia, o episódio de Emaús traz de volta a *esperança* e faz brilhar o olhar dos/as discípulos/as no seguimento do Senhor Ressuscitado.

A partir da leitura orante da Palavra de Deus, podemos nos dizer que este texto nos conduz à vivência de seis teologias. Tomamos aqui a compreensão da teologia, não apenas como ciência (discurso), mas como vivência e prática (ortopraxis).

Chamaria de seis intercessões. São seis pedidos que fazemos ao Cristo Ressuscitado.

1. Permanece conosco no nosso caminhar! Teologia do Caminho

É muito simbólico e interessante que o episódio de Emaús se passe num “caminho”. A eclesiologia latino-americana cunhou a palavra “Igreja da Caminhada”... A palavra caminhada no nosso contexto tem um significado muito abrangente. Muitas vezes, quando reunimos os núcleos da VRC, a pergunta é muito simples e direta: “Como está a caminhada do núcleo?”. Esta conversa vai longe... “entra em beco e sai em beco”...

O Evangelho diz que este caminho ficava há onze quilômetros de Jerusalém. Imaginamos este caminho: a poeira, o sol, as pedras, a trilha...

Olhando a Regional Salvador, nos Estados da Bahia e Sergipe – quantos caminhos tem percorrido a vida religiosa... o chão duro do sertão... a zona rural... as vielas, becos, periferias, conjuntos habitacionais das grandes cidades... diversidade dos caminhos, mas todos olhando uma mesma direção, com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12).

Como VRC, é momento de firmarmos caminhos, metas, rumos... alguns caminhos que ainda nem existem, e, juntos, vamos abrindo trilhas e preparando os caminhos do Senhor!

Como teologia rima com poesia, os poetas trazem elementos que ajudam a entender a teologia do caminho.

No nosso caminho encontramos pedras... diz Carlos Drummond de Andrade:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

Tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra.

Estamos no caminho certo? A poetisa Clarice Lispector proclama: “Outro sinal de se estar em caminho certo é o de não ficar aflita por não entender; a atitude deve ser: não se perde por esperar, não se perde por não entender”.

Não podemos caminhar sozinhos, isolados, só pensando na nossa congregação... como é bom encontrar você no caminho... Assim diz a poesia de Caetano Veloso: “Para desentristecer meu coração tão só, basta encontrar você no caminho, arrastando meu olhar como imã”.

E nos momentos de desânimo, assim diz o poeta Renato Russo: “Quando tudo está perdido, sempre existe um caminho, quando tudo está perdido, sempre existe uma luz”.

2. Permanece conosco no desafio da escuta! Teologia da Escuta

No texto de Emaús não aparece explicitamente o verbo “escutar”, mas apresenta o gesto de Jesus a escutar os dois discípulos.

No dia a dia das nossas comunidades, este apelo se faz presente. O mesmo acontece na missão. A vida religiosa masculina, quando assume a missão paroquial, a estrutura burocrática a impede de escutar as pessoas. Muita gente, quando se dirige ao padre, vai logo dizendo assim: “Não vou tomar seu tempo, não”. Nesse sentido, é louvável a vida religiosa feminina, que, mais livre das amarras da burocracia clerical, tem valorizado a missão de escutar tantas histórias e estórias.

Na Regional da CRB Salvador, admiro muito a equipe que coordena o curso de “orientação espiritual”. A seriedade deste projeto, a preparação que é dada àqueles e àquelas que se dispõem a um simples e grandioso gesto: o serviço da escuta!

Gosto imensamente do desenho utilizado por este grupo, que apresenta uma pessoa com um grande ouvido. Esta inspiração demonstra o serviço da escuta, tão procurado atualmente pela vida religiosa.

Jesus puxou conversa no caminho? Sim! Jesus fez perguntas aos discípulos? Sim! Mas, sobretudo, Jesus ESCUTOU a

história de um episódio que Ele já conhecia... teve a paciência de escutar o desabafo dos dois, num momento marcado por desânimo, medo, incerteza, insegurança.

Na hora certa, Jesus diz também sua Palavra. Como diz a canção: “Dá-me a palavra certa, na hora certa e do jeito certo”.

A contribuição da psicologia é de suma importância em nosso caminhar, mas neste momento não estamos precisando de psicólogos enquanto técnicos, mas de pessoas que possam ESCUTAR.

Inspirados pelo texto de Lucas, que apresenta Jesus na escuta amorosa aos discípulos de Emaús, pedimos a Deus que este gesto nos converta à necessidade de retomar a dimensão da escuta na VRC.

Em que consiste a dimensão da ESCUTA? Por que existe tanta sede da “escuta” na VRC e na missão?

Por que temos tanta dificuldade de escutar?

Quais os gritos que vêm da realidade e que a vida religiosa deve estar atenta em escutar?

Em que consiste a pedagogia da escuta?

3. Permanece conosco na arte de dialogar! Teologia do Diálogo

O caminho de Emaús é um caminho dialógico entre Jesus e os discípulos. Jesus fala, ouve, pergunta. Os discípulos participam deste processo.

Recentemente, por ocasião do Conclave, recebi uma charge que apresentava o desenho de três cardeais, representando três continentes, mais uma quarta pessoa. O primeiro dizia: “Quero que o novo Papa seja europeu”. O segundo: “Quero que o novo Papa seja africano”. O terceiro: “Quero que o novo Papa seja asiático”. A quarta pessoa: “Quero um Papa que dialogue com o mundo”.

Esta simples charge expressa um grande desafio do nosso mundo. O século XXI deve ser o século do diálogo.

1. Com quem a VRC é convidada a dialogar?
2. Na vida interna das nossas comunidades, valorizamos o diálogo?
3. Em que consiste a pedagogia do diálogo?
4. Como a vida religiosa tem dialogado com as juventudes?
5. Qual a contribuição que a VRC pode dar no processo do diálogo inter-religioso?
6. Como dialogar com as ciências?

4. Permanece conosco na nossa história! Teologia da História

O texto de Lucas apresenta Jesus fazendo a memória perigosa, retoma os passos da caminhada do Povo de Deus – o êxodo, a libertação, profetismo, a cruz... até chama a atenção dos discípulos com dificuldade em entender esta história.

Na formação inicial, como é de suma importância conhecer a história das pessoas que chegam às nossas comunidades! Quantos aspectos muitas vezes dramáticos! Diz Leonardo Boff que: “Jesus se apresenta como um grande contador de histórias cujo sentido transparece dos próprios termos na narração. Cria-se sempre uma resolução dos dramas, uma luz que irrompe de forma surpreendente e que confere novo ânimo à existência”.

Nossas Congregações e comunidades são também carregadas de uma história tão bonita! Carregadas por tantos “êxodos e profetismos”. Histórias que devem ser contadas, retomadas, atualizadas.

Martinho da Vila entoava uma canção que fala da necessidade de sentarmos à volta da fogueira para a troca dos saberes: “Os meninos, à volta da fogueira, vão aprender coisas de sonho e de verdade, vão perceber como se ganha uma bandeira e vão saber o que custou a liberdade”.

Recuperar a memória perigosa na história dos pobres do nosso país, do sangue que tem regado nosso chão: “Quem disse que não somos nada e que não temos nada para oferecer? Retalhos de nossa história, bonitas vitórias que o povo tem” (Zé Vicente).

Nesta memória, ter presente a história da CRB Nacional, que caminha para celebrar seus 60 anos de presença no Brasil (1954-2014), como também a história das nossas Regionais.

Cabe-nos também refletir: por onde tem caminhado a história do nosso país? Quais os acontecimentos mais fortes na história do povo onde está a nossa Regional?

Enquanto vida religiosa, como temos participado destas lutas? Como tem sido no decorrer destes anos a história da CRB Regional?

Qual a sintonia entre as nossas prioridades e a nossa história?

5. Permanece conosco na urgência em partilhar! Teologia da Partilha

Os discípulos convidam Jesus a estar com eles. Jesus aceita. Sentam-se à mesa. Partilham o pão. Ali os olhos se abriram e eles reconheceram Jesus.

Para a comunidade lucana, a dimensão do encontro é fundamental. Agora outra linguagem do encontro é o “sentar-se à mesa com...”. É a linguagem simbólica da intimidade, do acolhimento daquele que, Ressuscitado, só se conhece e escuta quando se deixa entrar em casa para se sentar conosco à mesa do coração, quando é abraçado por dentro, no nível da intimidade pessoal cuja linguagem é a do amor e a gramática é a da fé.

Em se tratando de recursos financeiros, é notável o empobrecimento da VRC. Creio que a história de Rute e Noemi (Livro de Rute) é muito propícia para uma releitura neste momento de empobrecimento da VRC (aprender a respirar).

Esta realidade nos leva a refletir sobre a necessidade de aprendermos e exercitarmos a dimensão da partilha, da solidariedade, da criatividade e da leveza institucional.

Exercitarmos mais a prática da intercongregacionalidade, não apenas por questão numérica, mas por questão de

testemunho. É preciso dar passos mais significativos e corajosos na partilha de vidas e carismas – vidas a serviço da vida!

A dimensão da partilha nos remete a buscar o sentido profundo das “mesas” que nos congregam na nossa vida comunitária: a mesa do trabalho, a mesa da coordenação provincial, a mesa da refeição... mas também duas mesas que dão o sustento à nossa missão: A MESA DA PALAVRA E A MESA DA EUCARISTIA.

É certo que nossas comunidades vivem da Eucaristia. Não há dúvida de que entre as recordações mais fortes que temos em nossas vidas está a de algumas Eucaristias especialmente significativas para nossa história.

Como dar passos no sentido da partilha e solidariedade na VRC?

Em nossa Regional, dentro da nossa pobreza, o que temos a oferecer?

Diante das dificuldades comuns, como exercitar a prática da entreajuda e da criatividade?

Como dar passos na intercongregacionalidade e inter-regionalidade da missão da CRB?

Quais as lições que aprendemos da Eucaristia?

6. Permanece conosco na missão! Teologia da Missão

O texto de Lucas diz que “naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram a Jerusalém”. Voltam à noite e enxergando. Voltam com o ardor missionário.

Este gesto inspira a dimensão missionária da vida religiosa.

Ao tratar a teologia da missão, recordo o artigo do saudoso Pe. José Comblin (O projeto de Aparecida), que diz: “De acordo com o projeto de Aparecida, tudo vai ser orientado para a missão. A realização prática desse projeto vai exigir o século 21 inteiro. Este projeto episcopal vai exigir uma mudança de mentalidade e uma mudança de comportamento. A missão será a prioridade e deixará no segundo

plano a administração da pequena minoria que frequenta as paróquias. Será necessário mudar a formação sacerdotal de modo radical. *Os religiosos vão ter que voltar à sua vocação original e deixar de ser administradores de paróquias ou de obras*” (grifo meu).

Pe. Joaquim, SDV, afirma que: “O Vaticano II introduziu um novo modo de fazer missão. Nesse caso, o Cristo Crucificado se torna o Cristo dialógico em lugar do Cristo conquistador. Três atitudes caracterizam este jeito de fazer missão: sendo humilde, contemplativo e administrador”.

Nesta perspectiva nos perguntamos:

Qual a missão que a VRC é chamada a assumir na nossa realidade? Quais os gritos mais fortes?

Quais as amarras que nos têm impedido (cegueira) de levantarmos e voltarmos para anunciar a Boa Notícia?

Quais os desafios missionários para a VR na nossa Regional?

“Não estava ardendo o nosso coração...?” (Lc 24,32).

Estes aspectos não são teóricos, nem podem ficar na esfera da “cabeça”. Eles ganharão novo significado quando passarem da cabeça para o coração, do coração para a ação.

Teocardia: a soma de todas as teologias!

Concluimos esta reflexão afirmando que a soma de todas estas teologias tem como resultado a *Teocardia!* Expressão meio engraçada, não é? Parece até nome de uma doença, mas não é! É algo de muita vitalidade, de muita energia, que bombeia o sangue em nosso corpo e nos impulsiona para vivermos melhor a nossa consagração.

Quando a Bíblia fala do “coração”, trata-se de uma metáfora, vendo no coração um órgão vital do ser humano. Assim como no sangue está a vida, no coração está a fonte da vida.

A metáfora baseia-se no fato de que o coração é um órgão vital que está dentro do corpo, no seu interior, ocupando o centro do peito, mas que, ao mesmo tempo, manifesta-se para fora, pelo seu batimento.

Num retiro orientado pelo Pe. Hilário França, da Congregação dos Sagrados Corações, assim ele descreveu: “Para os Evangelhos, o coração aparece como o centro da pessoa, intocado por tudo o que é meramente exterior e, ao mesmo tempo, fonte de tudo o que o ser humano exterioriza. O ser humano parece ter perdido o coração. E todos nós, na medida em que participarmos da cultura pós-moderna, estamos ameaçados de perder também o contato com o nosso centro interior”.

A teocardia nos ajuda a não deixar a cultura da morte tomar conta da nossa realidade. E conclui Pe. Hilário:

Estamos ameaçados de morte naquilo que constitui o que é próprio ao ser humano. O risco de dar morte ao coração manifestou-se em três grandes desequilíbrios:

1. O *DESEQUILÍBRIO ECOLÓGICO*: cada vez mais evidente entre nós.
2. O *DESEQUILÍBRIO PSÍQUICO*: pelo estresse, mas também pela falta de sentido da vida.
3. O *DESEQUILÍBRIO SOCIAL*: a distância imensa entre pobres e ricos, seja dentro dos nossos países, seja no cenário mundial.

A “teocardia” é a atitude dos discípulos no final do texto de Lucas. Contava-nos uma vez o Frei Carlos Mesters que, num círculo bíblico, alguém perguntou: “Quando Jesus desapareceu foi para onde?”. Ficou aquele silêncio e uma mulher bem simples do povo disse: “Para dentro deles”. Grande verdade! A vida dos discípulos modificou-se porque o Jesus da Galileia entrou na vida deles. Teocardia é ter o coração semelhante ao de Jesus – movido pela compaixão e misericórdia, sensível à dor humana que nos vem dos pobres, solidário com os crucificados da história.

Teocardia exige de nós o caminho da conversão, da convivência, em ter não apenas fé em Jesus, mas a fé de Jesus. Teocardia não é atitude “melosa ou uma atitude espiritualista”, pelo contrário: somos convocados a ser homens e mulheres decididos na missão, nas lutas populares, mas sem perder

a ternura, a vida comunitária, o amor aos pobres – isto é teocardia!

Concluindo: gosto da arte como expressão da vida; ela muito nos ensina. Quando encontro um desenho que expressa algo meio estático, parado, não me identifico. Quando é um desenho que dá sentido de algo fechado, e não encontro brechas, me sinto até sufocado. Gosto da arte com muito colorido, como as pinturas e telas da Guatemala ou os desenhos da saudosa Irmã Ana Graça Ancila.

Refiro-me à arte porque iniciei este artigo com um mantra. Ele me inspirou a escrever este texto. No texto de Emaús, percebemos o movimento dialético do indo/vindo, trevas/luz – indo para Emaús, em pleno dia, com a luz do sol, mas sem enxergar, sem plena consciência dos acontecimentos. Tinham acabado de chegar e voltaram para a missão, na noite escura e enxergando.

Onde está a resposta deste mistério? “Tudo é graça, Deus nos conduz.” Isso faz parte da “loucura que Deus escolheu para confundir os sábios”.

Que o texto dos discípulos de Emaús nos ajude a entrar nessa dinamicidade, do mundo marcado pela diversidade, do desafio que vai da globalização à “glocalização”.

Que a 23ª AGE nos convoque a estarmos com os pés neste mundo globalizado, mas com ações localizadas, na plena certeza de que ele “permanece conosco”!

O noivo está chegando. Ide acolhê-lo

PE. JOÃO MENDONÇA, SDB*

Com esta expressão de Mateus, gostaria de partilhar com os caros irmãos e irmãs de vida religiosa uma reflexão que suponho oportuna em vista da vida religiosa na conjuntura de crise que vivemos.

Um contexto de crise

Não é novidade para nenhum de nós que vivemos num momento de acelerada mudança cultural que toca em profundidade nossas vidas.

Cada ordem tem suas próprias desordens: cada modelo de pureza tem sua própria sujeira que precisa ser varrida. Mas, numa ordem durável e resistente, que se reserve o futuro e envolva ainda, entre outros pré-requisitos, a proibição da mudança, até a ocupação de limpeza e varredura são partes da ordem [...] o cuidado com a pureza concentra-se não tanto no combate à “sujeira primária” quanto na luta contra a “metassujeira”.¹

A crise a que me refiro se instaura exatamente nesta purificação da metassujeira, num ícone que considero importante: as dez virgens de Mateus (25,1-13). Todas elas foram ao encontro do noivo, sem saber o dia e a hora de sua chegada. Um levaram, além das lâmpadas, o azeite para não deixar apagar a chama, e as outras cinco confiaram demais de que o tempo seria curto e não teriam que esperar muito. Perderam a oportunidade de ficar atentas e vigilantes na espera do noivo.

* **Pe. João Mendonça** é salesiano de Dom Bosco, escritor, atualmente pároco, membro do conselho provincial e delegado pela regional Norte 1 para a Assembleia Nacional da CRB 2013, com especialização em formação religiosa e presbiteral pela Universidade Salesiana de Roma/Itália. **Endereço do autor:** Rua Paracuúba, 178, São José 1, 69085-210 – Manaus/AM. **E-mail:** pe.mendonca@hotmail.com.

1. BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 20.

É o estilo da alma moral, da ordem, que não se ocupa de nada a não ser a mesmice do cotidiano, sem coragem para transgredir, quer dizer, “voltar-se para outra direção num novo momento de nossas histórias individuais e coletivas”.² Transgredir e romper com o óbvio é necessário e urgente. A Vida Religiosa Consagrada (VRC), por sua dimensão profética, é chamada a isso, senão empurrará a metassujeira para debaixo do tapete, como bem alertou Bento XVI:

Em um mundo que tantas vezes busca, sobretudo, o bem-estar, a riqueza e o prazer como finalidade da vida e que exalta a liberdade prescindindo da verdade do homem criado por Deus, vós sois testemunhas de que existe outra forma de viver com sentido; lembrai aos vossos irmãos e irmãs que o Reino de Deus chegou; que a justiça e a verdade são possíveis se nos abrimos à presença amorosa de Deus nosso Pai, de Cristo nosso irmão e Senhor, do Espírito Santo nosso consolador. Com generosidade e até o heroísmo, continuai trabalhando para que na sociedade reine o amor, a justiça, a bondade, o serviço, a solidariedade conforme o carisma dos vossos fundadores. Abraçai com profunda alegria vossa consagração, que é instrumento de santificação para vós e de redenção para vossos irmãos.³

Um outro ícone importante para nós, religiosos, neste momento da encruzilhada da história, é o de Lucas (24,1-35). A metassujeira não deixa que os discípulos vejam, “estavam com os olhos vedados” (v. 16) e não conseguem entender, mesmo com o coração ardendo (v. 32). O grito que brota deste conflito é: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando” (v. 29). O temor da noite é um contraste enorme para aqueles que desejam ser sentinelas do novo dia. Nós, religiosos e religiosas, não podemos temer a noite porque ela nos convoca à vigilância com nossas lâmpadas acesas e abastecidas, mas é preciso reconhecer que estamos como que cegos perdendo aqui e ali a força contracultural da nossa vida, cedendo ao individualismo e à consequente liberdade egoísta e autodestruidora. Isto deixa muitos de nós com certo mal-estar porque o ser em comunidade causa

2. BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 81.

3. CELAM. *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007. p. 281.

calafrio e nos parece cada vez mais impossível contar com os membros da comunidade em tempos de crise, nas doenças, funerais e transições. Mergulhamos de cheio no individualismo da sociedade contemporânea.⁴ Ainda mais “o nosso testemunho coletivo contribui realmente para uma nova consciência da situação dos pobres no mundo?”⁵ O perigo de uma vida religiosa romântica, sem utopias, gera um fechamento e o sonho “de que um dia a pessoa certa ou o projeto certo ou a ausência de restrições exteriores mudará tudo”.⁶

A fidelidade pode ser infidelidade

Nesta metassujeira entra de cheio a questão da fidelidade. O Papa João Paulo II, na sua exortação apostólica *Vita Consecrata*,⁷ chamou a todos/as nós religiosos/as a uma fidelidade dinâmica [criativa] à própria missão. Na base desta fidelidade, dizia o Papa, devem ser consideradas: 1. Propor a criatividade e a santidade dos fundadores/as; 2. Perseverança no caminho da santidade; 3. Competência no próprio trabalho e dinamismo na missão; 4. Adaptando, quando necessário, suas formas às novas situações; 5. Convicção de que toda renovação se fundamenta na conformidade com Deus; 6. Referência à Regra. São critérios importantes para entender com clareza o significado da fidelidade.

De outro lado, o padre Francisco Cereda, conselheiro para a formação na minha Congregação, nos brindou com um texto sobre a *fidelidade vocacional*.⁸ Entre outras coisas, ele nos diz que “não se trata de permanecer fiéis, mas de ser fiéis”.⁹ Ser, eis a questão, pois a vida “é uma contínua descoberta da opção feita e um esforço renovado de vivê-la em plenitude”.¹⁰ Para mim, aqui está o elemento que faz a diferença, pois manter-se fiel apenas como capricho ou medo de errar é pura metassujeira e permanecer como que cegos. A vida oferece a cada nascer do sol novas possibilidades de colocar “vinhos novos em odres novos”, caso contrário, nos acostumaremos a ser fiéis de forma imoral, negando a alma e afirmando o corpo como possibilidade única de ser feliz.¹¹ O saber ser religioso deve ser cada dia uma experiência

4. MERKLE, A. *Judith, o compromisso da escolha; a vida religiosa nos dias atuais*. São Paulo: Loyola, p. 142-143.

5. *Ibid.*, p. 71.

6. *Ibid.*, p. 72.

7. JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, sobre a vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. Roma: Editrice Vaticana, 1996, n. 37.

8. CEREDA, Francisco. Fidelidade vocacional. In: *Atos do Conselho Geral*, maio-ago. 2011, n. 410.

9. *Ibid.*, p. 31.

10. *Ibid.*, p. 32.

11. BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio De Janeiro: Rocco, 1998.

nova. O ontem não é igual ao hoje. As escolhas de ontem e os desafios de amanhã nos impelem sempre a renovar o dom recebido, porque “a vocação não é uma escolha; ela nos é dada”.¹² A partir do momento que compreendo isto, vivo este dom como um dinamismo permanente, uma atitude diante da vida e não mera conformidade com a mesmice que gera mediocridade.

Por isso, todo processo de fidelidade é sempre a saída de um lugar estreito. O lugar estreito “são aqueles que, embora outrora servissem para nosso desenvolvimento e crescimento, se tornam apenados e limitadores”.¹³ Quando começamos o discernimento vocacional, tudo é novo e nos questiona, mas chega um momento em que é preciso partir para outra experiência, aquela forma de despertar para o chamado torna-se estreita. O postulante é muito bom. A Congregação dispõe de formadores e ambiente para proporcionar a cada candidato/a e ao grupo uma adesão ao chamado de Deus de forma consciente; entretanto, pouco a pouco, aquele ninho fica também pequeno e apertado, estreito demais para continuar ali; somos expelidos para o noviciado e mergulhamos de cabeça no conhecimento das Constituições. O noviciado tem algo de místico e mistério, oração e trabalho, estudo e lazer, fadiga e descanso, tédio e novidade. O/a noviço/a começa a entender que a missão carismática tem suas exigências, suas provações, lutas, santidade, e descobre o carisma do/a fundador/a. Embora seja uma experiência gostosa, e ser noviço/a é já uma experiência concreta de vida consagrada, aos poucos se torna um lugar estreito. É preciso sair para não sucumbir numa espécie de casulo vulnerável. A primeira profissão é um nascimento para um lugar mais amplo, ou seja, a fraternidade de toda a província.

Repensar o processo de formação permanente

Tenho de fazer uma consideração importante. Todo esse processo é formação permanente, quer dizer, uma atitude projetual que o candidato assume desde o início. É preciso superar no dinamismo da fidelidade a ideia de que entre

12. *Ibid.*, p. 30.

13. BONDER, Nilton. *A alma imoral*, op. cit., p. 47.

formação inicial e permanente se forma um hiato, quase um trampolim. Isto pode ser infidelidade, o retorno ao lugar estreito. Quando o religioso entende a formação como superação de etapas desconexas, ele não consegue avançar no protagonismo da própria formação e empurra para debaixo de seus conflitos a metassujeira. Ficará sempre à espera de que os outros preparem para ele o processo. É um eterno retorno ao lugar estreito. Por outro lado, quando o/a religioso/a concebe que toda a vida é formação em vista da competência na missão, então, todo o processo se torna permanente, uma “exigência intrínseca da consagração religiosa”¹⁴ e consolida a formação iniciada desde as primeiras perguntas em busca do significado do chamado do Senhor.

Pois bem. O desafio para a fidelidade criativa está exatamente na busca de satisfazer o imediato, ou seja, “a satisfação imediata das próprias necessidades e dos próprios desejos [...] na qual a busca da verdade não fascina, fruto de uma sociedade líquida”.¹⁵ É mais fácil acampar e quem “acampa, empaca”.¹⁶ O religioso empacado foge da responsabilidade da formação, se infantiliza, não vibra com a missão, não percebe os sinais dos tempos e se fragiliza vocacionalmente, pois não consegue mudar e os “portões do passado se fecham, os do futuro não estão abertos e o corpo experimenta a mais temida das sensações – o pânico de extinguir”.¹⁷ Esta é a mais crua realidade da infidelidade mascarada de fidelidade, porque o religioso não tem coragem de enfrentar a sociedade. Então, se mantém na vida religiosa escondido da realidade ou, pior ainda, assume a duplicidade de uma vida sem sentido, embora “aparentemente fiel”. Isto significa que “há traições pela fidelidade muito mais violentas do que as traições pela transgressão”.¹⁸ A transgressão será a renúncia a um “modelo liberal” de vida consagrada que propaga a observância formal, a falta de iniciativa, o aburguesamento, a falta de vida fraterna.¹⁹ Infelizmente muitos religiosos vivem empacados, numa fidelidade hipócrita, com uma maratona de atos religiosos formais, sem conexão com a missão e a vida.

Então, na vida da pessoa consagrada, a fidelidade aos conselhos evangélicos, desdobração do voto radical de seguir

14. JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, n. 69.

15. CEREDA, Francisco. Fidelidade vocacional, p. 33.

16. BONDER, Nilton. *A alma imortal*, op. cit., p. 48.

17. Ibid., p. 47.

18. Ibid., p. 61.

19. CEREDA, Francisco. Fidelidade vocacional, p. 35.

Jesus Cristo, se torna desafio,²⁰ com um profundo sentido antropológico:

A pobreza é uma contracultura ao materialismo ávido de riqueza.²¹ Entretanto, ela não é em si um valor positivo, mas fruto do egoísmo, portanto, a pessoa consagrada segue o Cristo pobre, servidor dos pobres, e luta para erradicar, segundo o carisma fundacional, a fome e as suas causas para construir uma sociedade digna para todos. Por isso, a pobreza é desafiadora.

A castidade reage a uma *cultura hedonista*,²² que separa a sexualidade do seu aspecto social, psicológico e corpóreo, reduzindo-a puramente ao desejo erótico-sexual. Portanto, o/a casto/a é o profeta/isa do *equilíbrio, domínio de si, espírito de iniciativa, maturidade psicológica e afetiva*,²³ capaz de projetar a pessoa consagrada aos “menos amados” com o coração livre e misericordioso.

A obediência entra na contramão das liberdades e da subjetividade. Num contexto de individualismo, a pessoa consagrada é chamada a ser dialogante, disponível e corresponsável na missão comum do Instituto. A Vontade de Deus é o critério primeiro e último que guia as escolhas da pessoa consagrada.

Conclusão

Não é demais afirmar que a pessoa consagrada vive uma dupla realidade que não se mistura, mas não se separa: *a total reserva para Deus* – nesse sentido, Deus reserva para si a pessoa eleita; *total dedicação à missão* – com isso a pessoa consagrada se responsabiliza pela eficácia da ação carismática segundo o carisma fundacional. Portanto, segundo João Paulo II:

A vida no Espírito tem obviamente o primado. Nela, a pessoa consagrada readquire a própria identidade e uma serenidade profunda, cresce na atenção aos desafios quotidianos da Palavra de Deus, e deixa-se guiar pela inspiração original do próprio Instituto. Sob a ação do Espírito, são tenazmente defendidos os tempos de oração, de silêncio, de solidão, e implora-se do Alto, com insistência, o dom da sabedoria para as canseiras de cada dia (Sb 9,10).²⁴

20. JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, op. cit., n. 87.

21. Ibid., n. 89.

22. Ibid., n. 88.

23. Ibid., n. 88.

24. Ibid., n. 71.

Na Regra do Mestre São Bento, os monges definem a vida no Espírito nestas linhas fundamentais:

Deus escolhe pessoas para tê-las consigo em comunhão de vida e para enviá-las à realidade do povo, como sinal de sua vida e portadores de sua força salvadora. Assim, a consagração é aliança, promessa, profecia. Enquanto aliança, se faz comunhão de vida. Enquanto promessa, traz novas relações com toda a realidade. Enquanto profecia, antecipa a presença eficaz de tempos novos concretizados num cotidiano de vida fraterna e partilhados em uma lógica redentora para a vida das instituições e organizações.

A fidelidade criativa é transgressora porque a missão, a consagração e a vida fraterna estão na contracultura do formalismo, e todo ato formal é empacamento, por conseguinte, infidelidade. O noivo vai chegar e nossas lâmpadas devem estar acesas e abastecidas. O óleo do individualismo, do aburguesamento e da mesmice nos deixará cegos, mudos e incapazes de descobri-lo no partir do pão.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. É visível a metassujeira que embaça o nosso olhar nítido sobre os sinais dos tempos e sobre o horizonte da missão da VRC?
2. O nosso testemunho coletivo contribui realmente para uma nova consciência da situação dos pobres no mundo?
3. A formação permanente visa ao meu egocentrismo ou à fidelidade criativa ao Reino de Deus?